A PALAVRA GREGA

AIÔN — AIÔNIOS,

TRADUZIDA com "eterno" e "para sempre" NA BÍBLIA SAGRADA, DEMONSTRADA DENOTAR ***DURAÇÃO LIMITADA***.

JOHN WESLEY HANSON, AM

CHICAGO:
NORTHWESTERN UNIVERSALIST PUBLISHING HOUSE

1875

PREFÁCIO

INTRODUÇÃO

1. ETIMOLOGIA.

2. LEXICOGRAFIA E A CRÍTICA.

3. O USO PELOS GREGOS

4. O USO DO ANTIGO TESTAMENTO.

PREFÁCIO

O pivô verbal sobre o qual gira a questão: “A Bíblia ensina a doutrina da punição sem fim?” é a palavra Aiôn e seus derivados e reduplicações. O autor deste

tratado se esforçou para colocar de forma breve os fatos essenciais pertencentes à história e ao uso da palavra, e ele acredita ter demonstrado conclusivamente que ela não oferece qualquer suporte para a doutrina errônea (da miséria sem fim). A maioria concordará que o princípio referido (inferno eterno) não está contido nas Escrituras se o significado de duração infinita não residir na palavra controvertida (aiôn). Implora-se ao leitor que examine as evidências apresentadas, pois o autor confia que elas foram coletadas, com um desejo sincero de aprender a verdade.

(N.do T.) aiôn, aiônios, aiônos, aiônion, aiôna tou aiônos, etc. (αιων, αιωνιος, αιωνος, αιωνιον, αιωνα του αιωνος, etc. (G165, G166))

INTRODUÇÃO

É uma ideia predominante que as palavras “eterno”, “para sempre”, “por todo sempre”, etc., na Bíblia em inglês (e português), significam duração infinita.

Este ensaio visa provar que a impressão popular é errônea. A investigação será conduzida de maneira a ser satisfatória para o estudioso, e também capacitar o leitor comum a apreender os fatos, de modo que tanto os eruditos quanto os incultos possam ver o assunto sob uma luz que alivie as Escrituras de parecerem ensinar uma doutrina que denegre o caráter de Deus e lança um ferrão mortal no coração crente. A Bíblia hebraica original foi traduzida para o grego, por setenta estudiosos, e por isso chamada de "A Septuaginta," entre 200 e 300 a.C.,(1) e a palavra hebraica *Olam* (עולם) é, em quase todos os casos, traduzida Aiôn, Aiônios, etc. (αιων, αιωνιος, etc.), para que as duas palavras possam ser consideradas sinônimos uma da outra. No Novo Testamento, as mesmas palavras Aiôn e seus derivados, são o original grego das palavras em inglês, Eternal, Everlasting, Forever, etc. ("eterno, durando para sempre, para sempre", etc.) sobre a qual a doutrina da Punição Infinita é erroneamente ensinada. Não é exagero dizer que se o grego Aiôn – Aiônios não

denota duração sem fim, então o castigo sem fim não é ensinado na Bíblia. Passamos a mostrar que o sentido de duração interminável *não* reside na palavra. Três caminhos estão abertos para nós para prosseguirmos com esta importante investigação.

1. Etimologia, (origem da palavra)
2. Lexicografia, (dicionários)
3. Uso. (contextos no uso da palavra)

Nosso primeiro apelo será à Etimologia.

Capítulo 1. ETIMOLOGIA

Sabemos que nada é mais inseguro e traiçoeiro do que a orientação da etimologia. Um grama de *uso* vale um quilo de etimologia. Etimologia é teoria, uso é fato. Por exemplo, nossa palavra comum *prevenir* é composta de præ e venio, vir ou *ir antes*, e já teve esse significado (de *ir antes)*, mas há muito o perdeu no uso comum, no qual agora significa *prevenir, precaver, avisar*. Suponha que daqui a dois mil anos alguém

se esforce para provar que no ano de 1875 a palavra *prevenir* significava *ir antes*. Ele poderia estabelecer sua posição pela etimologia da palavra, mas estaria totalmente errado, como pareceria pelo uso universal em nossa literatura atual. De modo que, se concordamos que a etimologia de Aiôn indica eternidade como sendo seu significado original, não se segue de forma alguma que tenha tido essa força na literatura grega. E de fato não teve.

1.1 Johannes Daniel van Lennep (1724-1771)

Lennep (autor de *"Etymologicum Linguæ Græcæ."*)(2) diz que vem de Aó (respirar) o que sugere a ideia de duração indefinida. Ele diz: Foi transferido da respiração para uma coleção, ou multidão de vezes. Deste significado foram produzidos aqueles pelos quais os antigos descreveram "era" ou "idade" (ævum), ou a eternidade (æternitatem) ou a idade do homem (hominis ætatem). Comentando sobre a derivação da palavra por Lennep,

o Rev. E.S.Goodwin, diz: (3) “Ela significa uma multidão de períodos ou tempos unidos entre si, duração indefinidamente continuada. Sua força própria, com referência à duração, parece ser mais aquela da duração ininterrupta do que outra; termo cuja duração é contínua enquanto dura, mas que pode ser completado e terminado, como *era, idade, dispensação, sæculum,* etc.” O Sr. Goodwin sustentou a teoria de que a palavra é do verbo aió, seu particípio ativo convertido em um substantivo.

1.2 A ETIMOLOGIA DE ARISTÓTELES.

Mas a etimologia acima não é a popular. Aristóteles,(4) o grande filósofo grego, explicou a derivação como uma combinação de duas palavras gregas (aei ón) que significam sempre existente. Como há muita controvérsia sobre esta famosa passagem, daremos,

1.3 TRÊS TRADUÇÕES DE ARISTÓTELES.

1. Dr. Pond (5): Ao descrever o céu mais alto, a residência dos deuses, Aristóteles diz: “É, portanto, evidente que não há nem espaço, nem tempo, nem vácuo além. Portanto, as coisas lá não são adaptadas pela natureza para existir em um lugar; nem o tempo os faz envelhecer; nem sob o mais alto (céu) há qualquer mudança de qualquer uma dessas coisas, estão colocadas acima disso; mas imutáveis, sem paixões – elas continuam por todas as *aiôna* (eternidade). Pois, de fato, a própria palavra (*aiôn*) de acordo com os antigos expressava isso divinamente. O período que compreende o tempo da vida de cada um, além do qual, de acordo com a natureza, nada existe, é chamado de 'seu aiôn’, (eternidade). E pela mesma razão, o período de todo o céu, mesmo o tempo infinito de todas as coisas, e o período que compreende esse infinito é *aiôn*, eternidade, derivando seu nome de *aei einai*, ‘sempre sendo’, imortal e divino.”

Dr. J.R. Boise,(6) Professor de Grego na Universidade de Chicago: “Tempo é uma notação de movimento; e o movimento

sem um corpo físico é impossível. Mas, além do céu, foi demonstrado que não há corpo, nem pode haver ser. É claro, portanto, que não há espaço, nem vazio, nem tempo no além. Portanto, as coisas lá não estão por natureza no espaço, nem o tempo as faz envelhecer, nem há qualquer mudança em qualquer uma dessas coisas colocadas além da varredura (ou corrente) mais externa; mas, imutáveis e sem paixão, tendo a vida melhor e mais suficiente, eles continuam por toda a eternidade (aiôn); pois este nome (isto é, aiôn) foi proferido divinamente pelos antigos.

Pois o período definido (*to telos*), que abarca o tempo da vida de cada indivíduo, ao qual, segundo a natureza, não pode haver nada além, tem sido chamado de eternidade (aiôn) de cada um. E, por paridade de raciocínio, o período definido também de todo o céu, mesmo o período definido abrangendo o tempo infinito de todas as coisas e o infinito, é uma eternidade (aiôn), imortal e divina, tendo recebido a denominação (eternidade, aiôn)

do fato de existir sempre (*apo tou aei einai*).

Dr. Edward Beecher: (7) "O limite de todo o céu, e o limite que encerra o sistema universal, é a existência divina e imortal (aei ôn) (Deus), derivando seu nome Aiôn de sua existência eterna (aei ôn)". Beecher acrescenta: “Desde a época de Homero até Platão e Aristóteles, cerca de cinco séculos, a palavra aiôn é usada por poetas e historiadores ao lado de vários compostos de *“aei”*, mas os compostos de *aei* retêm o ditongo *“ei”*, enquanto em *“aiôn”* desaparece o “e”. Existe um verbo “aiô” - respirar, viver. A passagem de Aristóteles em que ocorre sua etimologia foi mal traduzida, pois não fornece a etimologia da ideia abstrata de eternidade, mas da ideia concreta de Deus, como uma pessoa sempre existente, de quem todos os outros seres pessoais derivaram a existência e vida. O que Aristóteles deveria afirmar sobre aiôn, no sentido de eternidade, ele afirma sobre aiôn no sentido de Deus, uma pessoa viva e divina. Que a palavra aiôn no grego

clássico às vezes denota Deus é claramente afirmado no grande léxico de Henry Stephens (edição de Paris) e a passagem mencionada em Sófocles (Herac. 900) autoriza totalmente sua declaração. Nessa passagem, Júpiter é chamado de 'Aiôn, (o Deus vivo) o Filho de Cronos.' Além disso, todo o contexto de Aristóteles prova que ele está falando do grande primeiro motor imóvel do universo, o Aiôn, imortal e divino"

Esta passagem de Aristóteles é obscura e, se ele fosse uma autoridade, não resolveria a questão do significado da palavra. Se adotarmos esta teoria, podemos afirmar que aiôn tinha o significado primário de existência contínua, sendo esta a significação de “aei” e “ôn”, portanto não há garantia mesmo em tal origem para atribuir-lhe duração sem fim. Mas Aristóteles não diz ou insinua que a palavra tinha o significado de eternidade em seus dias, nem sua declaração de sua derivação prova que ela tinha esse significado em sua época. Ao contrário, o modo como

Aristóteles usa a palavra, como mostraremos a seguir, prova claramente que ela não tinha tal significado em sua mente, mesmo que seja composta de “aei” e “ôn”.

1.4 AEI (αει)

A palavra *“aei”*, (αει, G104) da qual se afirma que aiôn surgiu, é encontrada oito vezes (talvez mais, embora eu não a tenha encontrado com mais frequência) no Novo Testamento, e em nenhum caso significa infinito. Marcos 15:8; Atos 7:51; 2Cor 4:11; 6:10, Tit 1:12; Heb 3:10; 1Pe 3:15; 2Pe 1:12. Dou duas instâncias: A multidão desejava que Pilatos libertasse um prisioneiro, Marcos 15:8: “como *sempre (αει)* havia feito com eles”. Heb 3:10: “Eles *sempre (αει)* erram em seus corações.” uma duração infinita surgindo a partir de uma palavra usada assim, seria curioso. Está traduzida com “sempre”, em todos os textos. Liddell e Scott fornecem mais de cinquenta compostos de “aei”.

Sobre o uso da palavra (aiôn) por Aristóteles em sua famosa frase "Vida, um aiôn contínuo e eterno", basta dizer que se aiôn intrinsecamente significasse infinito, Aristóteles nunca teria procurado fortalecer o significado acrescentando *'contínuo'* e *'eterno'*.", mais do que alguém diria, Deus tem uma eternidade, contínua e sem fim. Ele tem uma vida, uma existência, um *aiôn* sem fim, assim como o *aiôn* do homem na terra é limitado; assim como a fumaça de Idumea no Antigo Testamento é *aiônios. (Isaías 34:10)*

Também, se Aristóteles tivesse considerado aiôn como significando eternidade, ele teria dito nesta mesma passagem: "o tempo da vida de cada indivíduo foi chamado 'seu aiôn' ".

Cremer, Liddel e Scott, Donnegan e Henry Stephens adotam a origem aristotélica da palavra. Grimm a rejeita, e Robinson em suas últimas edições dá ambas as etimologias sem decidir entre elas. Stephens diz: "Aristóteles, e depois

dele muitos outros filósofos, como Plotino e Proclus, ensinaram a etimologia de ‘aiôn’ como vindo de ‘aei’, e assim acrescentaram a ideia de eternidade à palavra.”

Mas mostramos que a famosa passagem de Aristóteles se refere a Deus *(apo tou aei einai)* e não à duração abstrata. Mostramos que *‘aei’* é usado oito vezes no Novo Testamento, e nunca no sentido de infinito. Provaremos que o próprio Aristóteles usou uniformemente a palavra no sentido de duração limitada e, a seguir, sob o título de Uso Clássico, provaremos que, na época em que o Antigo Testamento foi traduzido para o grego, esse era o único significado que a palavra tinha com qualquer escritor grego. Se ‘aei ôn’ é a sua origem, o que é mais do que duvidoso, não pode significar mais do que existência contínua, a duração precisa é determinada pelas palavras que acompanham aiôn. Adote qualquer derivação, e duração indefinida é o significado fácil e natural da palavra, se nos deixarmos guiar por sua etimologia. A

eternidade só pode ser expressa por ela quando acompanhada por outras palavras, denotando duração sem fim, ou pelo nome da Divindade.

Todos concordarão que as palavras podem mudar de significado e, portanto, que a etimologia é um guia incerto. Se a etimologia aponta em uma direção e o *uso* em outra, a primeira deve ceder; mas se ambos proferirem um fato, cada um reforça e fortalece o outro. Isso nós ilustramos com a etimologia de 'prevenir'. Centenas de palavras ensinam a mesma verdade. As palavras começam com um certo significado e mudam com o passar do tempo. Se aiôn realmente significasse eternidade quando foi pronunciada pela primeira vez, não se seguiria que tenha esse significado agora. Reciprocamente, o fato de não ter esse significado a princípio não impediria que assim fosse usada posteriormente. A etimologia não prova nada de uma forma ou de outra, sua evidência é apenas *prima facie*; o uso é a única autoridade decisiva. Mas a etimologia não garante a aplicação da

ideia de eternidade à palavra.

1.5 AS DERIVAÇÕES PLATÔNICAS.

Procedemos com base na autoridade da etimologia de Aristóteles. Mas nada está mais longe da verdade. A erudição de hoje, possuída por um filólogo mediano, é muito mais competente para rastrear esta ou qualquer palavra grega até sua fonte real, do que Platão ou Aristóteles foram capazes de fazer. Em sua análise do Crátilo de Platão,(8) Grote observa com precisão as etimologias de Platão: "Embora às vezes bastante razoáveis, elas são em um número muito maior de instâncias forçadas, arbitrárias e fantasiosas. As transições de significado imaginadas e as transformações estruturais das palavras são igualmente estranhas e forçadas. Tal é a luz sob a qual essas etimologias platônicas aparecem para um crítico moderno. Mas essa não era a luz sob a qual elas apareciam nem para os antigos platônicos nem para os críticos anteriores ao século

passado (século 18). Os platônicos até as reputavam então cheias de misteriosa e recôndita sabedoria. Tão completa foi a revolução de opinião que as etimologias platônicas são agora tratadas pela maioria dos críticos como muito absurdas para terem sido seriamente intencionadas por Platão, mesmo como conjecturas. É chamada de 'uma valiosa descoberta dos tempos modernos' (assim Schleiermacher a chama) a percepção de que Platão, na maioria delas, estava fazendo mera paródia e caricatura.

O caráter de Aristóteles como etimologista é assim afirmado por Grote: “Nem elas são mais absurdas do que muitas das etimologias propostas por Aristóteles. Um gancho fino, no qual pendurar uma doutrina como a da miséria sem fim de incontáveis milhões de almas.

1.6 CONCLUSÕES.

As conclusões a que qualquer mente judiciosa deve chegar são estas: 1. é

incerto de que fonte surgiu a palavra Aiôn; 2. não importa como se originou; 3. a opinião de Aristóteles não é autoridade; e 4. é provável que ele não estivesse definindo a palavra, mas aludindo àquele ser cujo aiôn, ou a existência é contínua e eterna (Deus). Que ele não entendia que aiôn significava eternidade, demonstraremos pelo *uso* uniforme da palavra, no sentido de duração limitada. E não encontramos razão em sua etimologia para dar-lhe o sentido de duração infinita. E se assim se originou, não fornece uma partícula de prova de que foi posteriormente usada com esse significado.

Capítulo 2. LEXICOGRAFIA E A CRÍTICA.

Em seguida, apelamos para a Lexicografia. Agora, o lexicógrafo (dicionário) deve sempre ser consultado, especialmente em palavras disputadas, *cum grano salis* (com cautela). Um teólogo, muito provavelmente irá definir palavras técnicas de forma a se aproximar

mais de sua própria crença e inclinar-se para um lado ou para o outro, de acordo com suas próprias predileções. Inconscientemente e necessariamente, o lexicógrafo que tem uma tendência a favor de qualquer doutrina tingirá suas definições com suas próprias particularidades. Muito poucos se comportaram judicialmente e deram significados de palavras com referência ao seu uso exato; de modo que se deve examinar os dicionários a respeito de qualquer palavra cujo significado seja contestado, com o mesmo cuidado que deve ser usado em referência a qualquer assunto sobre o qual os homens discordem. Com este pensamento em mente, vamos consultar os léxicos de que dispomos, e também alguns dos críticos bíblicos que exploraram a palavra.

2.1 AUTORIDADES.

O lexicógrafo mais antigo, Hesíquio, (400-600 d.C.) define *aiôn* assim: “A vida do

homem, o tempo de vida”. Nessa época, nenhum teólogo havia importado para a palavra o significado de duração infinita. Reteve apenas o sentido que tinha nos clássicos e na Bíblia.

Theodoret (9) (300-400 d.C.) “Aiôn não é qualquer coisa existente, mas um intervalo que denota o tempo, às vezes infinito quando se fala de Deus, às vezes proporcional à duração da criação e às vezes à vida do homem.”

João de Damasco (750 d.C.), diz: “1. A vida de todo homem é chamada *aiôn.* ... 2. O periodo de 1000 anos é chamado *aiôn.* ... 3. Toda a duração ou vida deste mundo é chamada de *aiôn.* ... 4. A vida após a ressurreição é chamada *'o aiôn por vir.'* “

Mas no século XVI Favorino foi compelido a notar uma adição, que subseqüentemente à época do famoso Concílio de 544 havia sido enxertada na palavra. Ele diz: “Aiôn, tempo, também vida, também hábito, ou modo de vida.

Aiôn é também o eterno e sem fim COMO PARECE AO TEÓLOGO.” Os teólogos conseguiram usar a palavra no sentido de infinito, e Favorinus foi forçado a reconhecer seu uso dela e sua fraseologia mostra conclusivamente que ele atribuiu aos teólogos a autoria desse uso da palavra.

Aludindo a esta definição, o Rev. Ezra S. Goodwin, um dos mais maduros estudiosos e críticos mais profundos, diz, (10) “Aqui eu fortemente suspeito que esteja o verdadeiro segredo trazido à luz da origem do sentido de eternidade em *aiôn.* O *teólogo* primeiro pensou que o percebeu, ou então o colocou lá. O *teólogo* o mantém ali, agora. E o *teólogo* provavelmente o manterá lá por mais tempo do que qualquer outro. É por isso que aqueles lexicógrafos que atribuem a eternidade como um dos significados de *aiôn* apelam uniformemente para as provas do grego teológico, hebraico ou rabínico, ou alguma espécie de grego posterior à época dos Setenta, se não posterior à época dos apóstolos, até onde

posso apurar.

A segunda definição de Favorinus é extraída literalmente do *“Etymologicon Magnum”* do século IX ou X. Isso nos dá o uso do quarto ao décimo sexto século, e nos mostra que, se a palavra significava infindável na época de Cristo, deve ter mudado de duração limitada nos clássicos, para duração ilimitada, e depois de volta à limitada, nas datas acima especificadas!

A partir do século XVI, a palavra foi definida como usada para denotar todos os comprimentos de duração, de breve a infinito. Registramos aqui as definições que encontramos.

Rost: (Definições alemãs) ” Aiôn, duração, época, longo tempo, eternidade, memória do homem, tempo de vida, vida, idade do homem. Aiônios, contínuos, duradouros, sempre duradouros, eternos.”

Hedericus: “Uma era, eternidade, uma era sempre existindo; tempo da vida do homem na memória dos homens, (homens

maus, Novo Testamento), a medula espinhal. Aiônios, eterno, para sempre, contínuo.”

Schleusner: “Qualquer espaço de tempo, seja mais longo ou mais curto, passado, presente ou futuro, a ser determinado pelas pessoas ou coisas mencionadas, e o escopo dos assuntos; a vida ou a idade do homem. Aiônios, um período de tempo definido e longo, isto é, um período de tempo duradouro, mas ainda assim definido (finito).”

Passov: ”Aiônios, longamente continuados, eternos, perpétuos, nos clássicos.

Grove: “Eternidade; e idade, vida, duração, continuação do tempo; uma revolução de eras (ciclo), uma dispensação da Providência, este mundo ou vida; o mundo ou a vida futura. Aiônios, eternos, imortais, perpétuos, antigos, passados antigos.”

Donnegan: “Tempo; espaço de tempo;

tempo de vida, vida; o período normal da vida do homem; a idade do homem; propriedade do homem; um longo período de tempo; eternidade; a medula espinhal. Aiônios, de longa duração, duradouros, eternos, permanentes.”

Ewing: “Duração, finita ou infinita; um período de duração, passado ou futuro; uma era; duração do mundo; idades do mundo; vida humana neste mundo ou no próximo; nosso modo de vida no mundo; e era da dispensação divina, as eras, geralmente considerada três, aquela antes da lei, aquela sob a lei e aquela sob o Messias. Aiônios, (das anteriores,) eras do mundo, períodos das dispensações, desde que o mundo começou.”

Schrevelius: “Uma era, um longo período de tempo; duração indefinida, tempo, seja mais longo ou mais curto, passado, presente ou futuro; também, no Novo Testamento, os ímpios da época, a vida, a vida do homem. Aiônios, de longa duração, duradouros, ora perpétuos, ora perenes, ora perenes como *æturnus* em

latim."

O Dr. Taylor, que escreveu a Bíblia Hebraica três vezes com sua própria mão, diz de Olam, (grego Aiôn) que significa uma duração que está oculta, como sendo de comprimento desconhecido ou grande. "Significa a eternidade, não pela força própria da palavra, mas quando o sentido do lugar ou a natureza do assunto o exigem, como Deus e seus atributos."

Pickering: Quase idêntico a Schrevelius em suas definições.

Hinks: "Um período de tempo; e velhice, um depois do tempo, eternidade. Aiônios, duradouros, eternos, de outrora, desde o princípio."

Lutz: "Uma era, um tempo, uma eternidade. Aiônios, duráveis, eternos."

Macknight: (presbiteriano escocês.) "Estas palavras sendo ambíguas, devem sempre ser entendidas de acordo com a natureza e as circunstâncias a que se

aplicam”. Ele acha que as palavras permitem interpretar uma punição sem fim, mas acrescenta: “Ao mesmo tempo, devo ser sincero a ponto de reconhecer que o uso desses termos, para sempre, eterno e duração infinita (aiôn), em outras passagens da Escritura, mostra que aqueles que entendem essas palavras em um sentido limitado, quando aplicado à punição, não colocam interpretação forçada sobre elas.

Wright: “Tempo, idade, tempo de vida, período, revolução dos tempos, dispensação da Providência, mundo presente, ou vida, mundo vindouro, eternidade. Aiônios, eterno, antigo.”

Robinson: “A vida, também uma idade, que é um longo período de tempo indefinido, perpetuidade, sempre, para sempre, eternidade, para sempre, sem fim, até o tempo mais remoto, para todo o sempre, desde a antiguidade, desde a eternidade, o mundo, presente ou futuro, este mundo e o próximo, mundo presente, homens deste mundo, o próprio mundo,

advento do Messias. Aiônios, perpétuo, perpétuo, eterno, falado principalmente de tempo futuro, antigo.”

Jones: “Uma era eterna, eterno, para sempre, um período de tempo, idade, vida, o mundo atual ou vida; a dispensação judaica; um bom demônio, anjo que são supostos viver para sempre. . Aiônios, eternos, antigos.” existir para sempre.

Schweighauser e Valpyv concordam substancialmente.

Maclaine, em seu Mosheim: *Aiôn* ou *æon* entre os antigos, foi usado para significar a idade do homem, ou a duração da vida humana.

Cruden: “As palavras eterno, para sempre, às vezes são tomadas por um longo tempo, e nem sempre devem ser entendidos estritamente, por exemplo, 'Tu serás nosso guia desde agora, mesmo para sempre', ou seja, durante toda a nossa vida.

Alex. Campbell: “SUA IDEIA BÁSICA É DE DURAÇÃO INDEFINIDA.”

Whitby: “Nada é mais comum e familiar nas Escrituras do que descrever com *aiônios* uma vasta e irreparável devastação, cujos *efeitos e sinais* permanecerão. Aiônos esta palavra que traduzimos eterna.” Hammond, Benson e Gilpin, em notas sobre Judas 7, diz o mesmo. Liddell e Scott também dão a *aiôn,* nos poetas, o sentido de vida e tempo de vida, como também uma idade ou geração.

Pearce (em Mateus 13:40) diz: “A palavra grega aiôn parece significar idade (era) aqui, como costuma acontecer no Novo Testamento e de acordo com sua significação mais apropriada ao contexto”. Clarke, Wakefield, Boothroyd, Simpson, Lindsey, Mardon, Acton, concordam. Assim como Locke, Hammond, Le Clerc, Beausobre, Lenfant, Dodridge, Paulus, Kenrick e Olshausen.

T. Southwood Smith: “Às vezes significa o

término da vida humana; em outras ocasiões, uma idade ou dispensação da Providência. Seu significado mais comum é o de idade ou dispensação (era)".

Scarlett: "Esse aiônion, não significa infinito ou eterno, pode depreender-se de considerar que nenhum adjetivo pode ter uma força maior do que o substantivo de que é derivado. Se aiôn (subs.) significa era (o que ninguém quer ou pode negar), então aiônion (adj.) deve significar duração de era ou duração através da era ou eras às quais a coisa falada está relacionada.

Até o professor Stuart é obrigado a dizer: "O significado mais comum e apropriado de aiôn no Novo Testamento, e aquele que corresponde à palavra hebraica *olam* e que, portanto, merece o primeiro lugar em relação à ordem, coloco primeiro: período de tempo indeterminado; tempo sem limitação; sempre, para sempre, tempo sem fim, eternidade, tudo em relação ao tempo futuro. Os diferentes matizes com que a palavra é traduzida dependem mais

do objeto a que aiônios está associado, ou com o qual está relacionado, do que de qualquer diferença no real significado da palavra.”

J.W. Haley * diz: “A palavra hebraica ‘olam’ traduzida como 'para sempre', não implica a ideia metafísica de infinitude absoluta, mas um período de duração indefinida, como diz Rambach, um tempo muito longo, cujo fim está oculto de nós."
Olam ou *olim* é o equivalente hebraico de aiôn.

O Dr. Edward Beecher (11) observa: "Comumente significa meramente continuidade de ação... todas as tentativas de apresentar a eternidade como o sentido original e primário de aiôn estão em guerra com os fatos da língua grega durante cinco séculos, nos quais denotava a vida e seus sentidos derivados, e o sentido da eternidade era desconhecido. E ele também diz qual é o fato indubitável, “que o sentido original de aión não é eternidade. Todos concordam que esta (vida) era originalmente o uso geral da

palavra. Na edição parisiense do Lexicon de Henry Stephens afirma-se enfaticamente "que a vida, ou o espaço da vida, é o sentido primitivo da palavra, e que é sempre assim usado por Homero, Hesíodo e os antigos poetas; também por Píndaro e pelos escritores trágicos, bem como por Heródoto e Xenofonte." "Pertencente ao mundo vindouro" é o sentido dado a "Estes irão para o castigo eterno", pelo Prof. Tayler Lewis, que acrescenta (12) "O pregador em contenda com o Universalista e o Restauracionista, cometeria um erro, e pode sofrer uma falha em seu argumento, caso ele coloque toda a ênfase no significado etimológico e histórico das palavras aiôn, aiônios, e tente provar que por si mesmas elas necessariamente carregam o significado de duração infinita. 'Estes irão para a restrição, prisão do mundo vindouro', é tudo o que podemos etimologicamente ou exegeticamente fazer da palavra nesta passagem."

* "Um exame das supostas discrepâncias da Bíblia" por John W. Haley, M.A., p.216.

2.2 A VERDADEIRA IDEIA.

Sem dúvida, a definição dada por Schleusner é a correta, 'Duração determinada pelo assunto ao qual é aplicada.' Assim, ela só expressa a ideia de infinito quando conectada com o que é infinito, como Deus. A palavra “grande” é uma palavra ilustrativa. “Grande” aplicado a uma árvore, ou montanha, ou homem, denota diferentes graus, todos finitos, mas quando se refere a Deus, tem o sentido de infinito. O infinito não reside na palavra “grande”, mas tem esse significado quando aplicado a Deus. Não o transmite a Deus, mas o deriva dele. Então, aiônios aplicado à residência de Jonas no peixe, significa setenta horas (Jonas 2:6); para o sacerdócio de Arão, significa vários séculos; para as montanhas, milhares de anos; aos castigos de um Deus misericordioso, o tempo necessário para justificar sua lei e reformar seus filhos; ao próprio Deus, a eternidade. O que a palavra ‘grande’ representa para o

tamanho, aiônios é para a duração.

Os seres humanos vivem de algumas horas a um século; nações de um século a milhares de anos; e planetas, pelo que sabemos, muitos milhões de anos, e Deus é eterno. De modo que, quando vemos a palavra “aiôn” aplicada a uma vida humana, ela denota de alguns dias a cem anos; quando aplicada a uma nação, denota de um século a dez mil anos, mais ou menos, e quando aplicada a Deus, significa infinito. Em outras palavras, “aiôn” denota duração indefinida, como veremos quando encontrarmos a palavra na literatura sagrada e secular.

Dr.Beecher bem observa:
”Existem SEIS ERAS, ou agregados de eras, envolvendo sistemas temporários, falados no Antigo Testamento. Essas eras são distintamente declaradas como temporárias e, no entanto, para todas elas são aplicadas “olam” e suas reduplicações, tão completa e enfaticamente quanto são para Deus. Esta é uma demonstração positiva de que a palavra “olam”,

conforme afirmado por Taylor e Fuerst em suas Concordâncias Hebraicas, significa um período ou era indefinida, passada ou futura, e não uma eternidade absoluta. Quando aplicada a Deus, a IDEIA DE ETERNIDADE É DERIVADA DELE, E NÃO DA PALAVRA. .. Esta divisão indefinida do tempo é representada “olam”.

Portanto, descobrimos, uma vez que existem muitas eras ou períodos, que a palavra é usada no plural. Além disso, uma vez que um grande período ou era pode abranger sob ele eras subordinadas, encontramos expressões como uma era de eras, ou um olam de olams, e outras reduplicações.

“Em alguns casos, porém, a reduplicação de olam parece ser uma amplificação retórica da ideia, sem qualquer compreensão das eras por uma era maior. Isso é especialmente verdadeiro quando olam está no singular em ambas as partes da reduplicação, como “Para a era da era”.

"O uso da palavra no plural é uma evidência decisiva de que o sentido da palavra não é a eternidade, no sentido absoluto, pois só pode haver uma dessas eternidade. Mas como o tempo passado e o futuro podem ser divididos por eras, pode haver muitas eras e uma era de eras."

* União Cristã.

2.3 DURAÇÃO ETERNA E CONCEPÇÕES MODERNAS.

Não parece ter sido geralmente considerado pelos estudantes deste asunto que a ideia de duração infinita é uma concepção relativamente moderna. Os antigos, em uma época mais recente do que o Antigo Testamento, ainda não haviam reconhecido a *ideia* de duração infinita, de modo que as passagens que contêm a palavra olam (aiôn) aplicada a Deus não significam que se está dizento que ele é de duração eterna, a ideia da palavra *olam (aiôn)* era de duração

indefinida e não ilimitada. Apresento aqui uma passagem do Prof. Knapp, ou Knappius, o autor da melhor edição do Testamento grego conhecido, em uso em muitas faculdades e cursos, ele é reconhecido como um autor de rara erudição. Ele observa: "A ideia pura de eternidade é abstrata demais para ter sido concebida nas primeiras eras do mundo e, portanto, não é encontrada expressa por nenhuma palavra nas línguas antigas. Mas à medida que a cultura avançava e essa ideia se tornava mais distintamente desenvolvida, tornou-se necessário, para expressá-la, inventar novas palavras ou dar-lhes um novo sentido, como foi feito com as palavras *eternitas, perennitas,* etc. para expressar duração infinita. Para expressar uma eternidade passada, eles diziam "antes que o mundo existisse"; uma futura, "quando o mundo não existirá mais". Os hebreus e outros povos antigos não têm uma palavra para expressar a ideia precisa de eternidade.".

2.4 UMA REFLEXÃO IMPRESSIONANTE.

Faço uma pausa aqui o suficiente para levantar esta questão: é possível que nosso Pai celestial tenha criado um mundo de tortura sem fim, ao qual seus filhos por milhares de anos se amontoaram em miríades, e que ele não apenas não revelou o fato a eles , mas foi tão míope que não lhes deu uma palavra para expressar o fato, ou mesmo uma capacidade suficiente para intuir a ideia do sofrimento eterno ao qual eles estavam sujeitos? Ele criou o cavalo para uso do homem e criou o homem capaz de compreender o cavalo; ele o cercou com multidões de objetos animados e inanimados, cada um dos quais ele podia nomear e compreender, mas o assunto mais importante de todos - aquele em que se deve acreditar, ou a desgraça eterna é a penalidade, ele não apenas não tinha nome, mas era incapaz da mais leve concepção do mero fato! Seria ou poderia um bom pai ser culpado de tal omissão?

Pode algo ser mais claro do que isso, que os lexicógrafos e críticos se unem em

dizer que a duração limitada não é apenas permitida, mas que é o significado predominante da palavra? Eles concordam que a duração eterna não está na palavra, e só pode ser transmitida a ela pelo assunto associado a ela. Assim, a Lexicografia declara que a Duração Limitada é a força da palavra, duração a ser determinada pelo sujeito tratado, se permitirmos que a Etimologia e a Lexicografia declarem o veredicto. E, no entanto, é possível que eles estejam enganados. Incrível, mas ainda possível, que todos os estudiosos e críticos da palavra tenham se confundido. Mas há um tribunal que não pode enganar, e esse é o *uso.*

Capítulo 3. O USO.

Ao traçar o *uso* da palavra, nossas fontes de informação serão (1) Os clássicos gregos, (2) A Septuaginta do Antigo Testamento, (3) Os judeus gregos quase contemporâneos de Cristo, (4) O Novo Testamento, e (5) A Igreja Cristã

Primitiva.

O Pentateuco foi traduzido para o grego por volta da época do retorno do cativeiro babilônico, e todo o Antigo Testamento foi combinado em uma coleção por volta de 300-200 a.C. Naquela época havia uma grande quantidade de literatura grega, agora conhecida como Clássicos, e é claro que os Setenta deram a todas as palavras gregas seu significado legítimo, conforme encontrado nos Clássicos. Para verificar exatamente o que o Antigo Testamento grego quer dizer com Aiôn ou qualquer outra palavra, precisamos apenas aprender seu significado nos Clássicos. Iriam eles traduzir a palavra hebraica para cavalo com uma palavra grega que significa voar? Seria o mesmo se tivessem usado aiôn para duração infinita. Como mostraremos a literatura grega antecedente a usou para denotar duração limitada.

3.1 OS CLÁSSICOS GREGOS.

É uma questão vital: Como a palavra foi usada na literatura grega com a qual os Setenta estavam familiarizados, isto é, os clássicos gregos?

Alguns anos desde que o Rev. Ezra S. Goodwin (13) traçou paciente e metodicamente esta palavra através dos Clássicos, encontrando o *substantivo* com frequência em quase todos os escritores, mas não encontrando o *adjetivo* até que Platão, seu inventor, o usasse. Ele afirma isso como resultado de seu exame prolongado e exaustivo, desde o início até Platão:

"Temos toda a evidência de sete escritores gregos, estendendo-se por cerca de seis séculos, até a era de Platão, que fazem uso de Aiôn, em comum com outras palavras; e nenhum deles NUNCA o emprega no sentido de *eternidade.*"

Quando o Antigo Testamento foi traduzido do hebraico para o grego pelos Setenta, a palavra aiôn era de uso comum há muitos séculos. É absurdo dizer que os Setenta traduziriam o hebraico "olam" pelo grego "aiôn" e dariam a este último (1) um significado diferente daquele do

primeiro, ou (2) um significado diferente de aiôn na literatura grega. É evidente, então, que Aiôn no Antigo Testamento significa exatamente o que *Olam* significa, e também o que Aiôn significa nos clássicos gregos. Duração indefinida é o sentido de olam, e é igualmente claro que aiôn tem um significado semelhante.

Na Ilíada e na Odisséia Aiôn ocorre treze vezes, como substantivo, além de ocorrer como particípio no sentido de ouvir, perceber, compreender.

Homero nunca o usa como significando duração eterna. Príamo para Heitor diz, (14) "A ti mesma serás privada de agradáveis aiônos" (vida.) Andrômaca sobre o morto Heitor, (15) "Marido tu pereceste de aiônos" (vida ou tempo.) Dr. Beecher escreve(16) "Mas há um caso que exclui toda possibilidade de dúvida ou evasão, no Hino Homérico de Mercúrio, vs. 42 e 119. Aqui aiôn é usado para denotar a medula como a vida de um animal, como Moisés chama o sangue de vida. Isso é reconhecido por Cousins em seu Léxico Homérico. Neste caso, perfurar a vida (aiôn) de uma tartaruga significa

perfurar a medula espinhal. A ideia de vida aqui é exclusiva de tempo ou eternidade". Estas são ilustrações justas do uso da palavra por Homero.

Hesíodo a emprega duas vezes: "Para ele (o homem casado) durante aiônos (vida) o mal está constantemente se esforçando, etc. (18) "Júpiter, rei do mundo que nunca cessa."(19) (aiônos apaustau.)

Píndaro dá treze exemplos, como "Uma vida longa produz as quatro virtudes." (20) (Ela de kai tessaras aretas ho *makros aiôn.*) Sófocles nove vezes. "Esforce-se para manter a mesma mente enquanto viver." *Askei toiaute noun di aionos menein.* (21) Ele também emprega *makraion* (*makro + aiôn*) cinco vezes, como duradouro. A palavra makro (longa) aumenta a força de aiôn, o que seria impossível se aiôn tivesse a ideia de eternidade.

Aristóteles usa aiôn doze vezes. Ele fala da existência ou duração (aiôn) da terra; (22) de um aiônos ilimitado;(23) e em outro lugar, ele diz: aiôn sunekes kai

aidios, “um eterno aiôn” (ou ser) “pertencente a Deus. ” O fato de Aristóteles achar necessário acrescentar “aidios” a “aiôn” para atribuir a eternidade a Deus demonstra que ele não entendia sentido de eternidade na palavra aiôn e descarta totalmente a ideia de que ele defendia que o significado da palavra era duração infinita, mesmo admitindo que ele a derivou, ou supõem que os antigos o fizeram, de aei + ôn de acordo com a opinião de alguns lexicógrafos.

Um uso semelhante da palavra aparece em de Cælo.(24) “O céu inteiro é um e eterno (aidios) sem começo nem fim como um aiôn completo.” Na mesma obra(25) ocorre a famosa passagem em que Aristóteles teria descrito a derivação da palavra, que citamos nos itens 1.3 e 1.4, aiôn estin, apo tou *aei einai.* (Aristóteles e “aei + ôn = aiôn”)

O Sr. Goodwin observa bem que a palavra existia mil anos antes da época de Aristóteles, e que ele não tinha conhecimento de sua origem, e menos recursos para rastreá-la do que muitos

estudiosos do presente possuem. "Enquanto, portanto, consideraríamos uma opinião de Aristóteles sobre a derivação de uma palavra antiga, com o respeito devido ao extenso conhecimento e à idade venerável, mas devemos ter em mente que sua opinião não é uma autoridade indubitável. O Sr. Goodwin passa a afirmar que Aristóteles não aplica “aei ôn” à duração (de tempo), mas a Deus, e que (como mostramos) uma existência humana é um Aiôn. A completude, seja breve ou prolongada, é sua ideia; e como Aristóteles *empregou* "Aiôn” não contém o significado de eternidade.”

Hipócrates. “Um aiôn humano é uma questão de sete dias.”

Empédocles, Um corpo terreno privado de uma vida feliz. (aiônos.)

Eurípides usa a palavra trinta e duas vezes. Citamos três instâncias:(26) “O casamento com os mortais que estão bem situados é um aiôn feliz.”(27) “Todo aiôn

dos mortais é instável.”(28) “Ao longo de aiôn tem muitas coisas a dizer,” etc. (significando *vida*)

Filoctetes. “Ele exalou o aiôna.” O Sr. Goodwin conclui assim sua investigação conscienciosa dos clássicos gregos enquanto examinava linha por linha, AIÔN NESTES ESCRITORES NUNCA EXPRESSA ETERNIDADE PROPRIAMENTE.”
Em sua Física(29), Aristóteles cita uma passagem de Empédocles, dizendo que em certos casos “aiôn não é permanente”.

3.2 AIÔNIOS.

‘Aiônios’ (o adjetivo) não se encontra em nenhum dos antigos clássicos acima citados. Encontrando-o em Platão, o Sr. Goodwin pensa que Platão o cunhou, e não se tornou de uso generalizado, pois mesmo Sócrates, o professor de Platão, não o usa. ‘Aidios’ é a palavra clássica para duração infinita.

Platão usa aiôn oito vezes, aiônios cinco, diaiônios uma vez e makraiôn duas vezes.
É claro que se ele considerasse aiôn como significando eternidade, ele não prefixaria a palavra que significa longo (makro), para adicionar duração a ela.

Em todos os autores acima, estendendo-se por mais de seiscentos anos, a palavra nunca é encontrada (aiônios, o adjetivo). Claro que deve significar o mesmo que o substantivo (aiôn) que é sua fonte. Tendo aparecido claramente que o substantivo é usado uniformemente para denotar duração limitada e nunca para significar eternidade, é igualmente evidente que o adjetivo deve significar o mesmo.

O substantivo 'doçura' dá sabor ao seu adjetivo, 'doce'. O adjetivo 'comprido' significa exatamente o mesmo que o substantivo 'comprimento'. Se 'doce' significar 'acidez', e 'comprido' for entendido como 'brevidade', então 'aiônios' pode significar propriamente 'eterno', mesmo sendo derivado de aiôn, que representa duração limitada.

Dizer que Platão, o inventor da palavra, usou o adjetivo (aiônios) para significar eterno, quando nem ele nem nenhum de seus predecessores jamais usaram o substantivo (aiôn) para denotar eternidade, seria acusar um dos homens mais sábios de estupidez etimológica. Ele foi culpado de tal loucura? Como ele usa a palavra?

3.3 O USO POR PLATÃO.

1. Platão emprega o substantivo como fizeram seus predecessores. Dou uma ilustração: "Levando uma vida (aiôna) envolvida em problemas."

2. O Adjetivo.(30) Referindo-se a certas almas no Hades, descreve-as como em "embriaguez aiônion". Mas que ele não usa a palavra no sentido de infinito é evidente no Fædon, onde ele diz: "É uma opinião muito antiga que as almas que abandonam este mundo se dirijam às regiões infernais (Hades) e retornam

depois disso, para viver neste mundo.” Terminada a “embriaguez do aiônion”, regressam à terra, o que demonstra que a palavra não foi utilizada por ele como significando infinito. Em outra parte,(31) ele fala daquilo que “é indestrutível, e não aiônion”. Ele coloca as duas palavras em contraste, ao passo que, se pretendesse usar aiônion no sentido de infinito, teria dito indestrutível e aiônon. (indestrutivel, “anolethron” de αν+ολεθρευσω)

Platão cita quatro ocorrências de aiôn, e três de aiônios, e uma de diaiônios numa única passagem, em contraste com *“aidios”* (eterno).(32)
Os deuses ele chama de eternos (aidios), mas a alma (humana) e a natureza corpórea, diz ele, são aiônios, pertencentes ao tempo, e “todos estes”, diz ele, “fazem parte do tempo”. (são temporários)

Platão chama o Tempo [Kronos] de *imagem aiônios de Aiônos.* Exatamente o que um autor tão obscuro pode querer

dizer aqui não é fácil saber, mas uma coisa é perfeitamente clara, ele não pode significar eternidade e eterno por aiônios e aiônion, pois nada é mais distante do fato do que o Tempo flutuante e mutável, com começo e fim, e cheio de mutações, é uma imagem da Eternidade. É em todos os detalhes possíveis o seu exato oposto.

Em "De Mundo",(33) Aristóteles diz: "Qual dessas coisas separadamente podem ser comparadas com a ordem do céu, e a relação das estrelas, sol e também a lua movendo-se nas medidas mais perfeitas 'de um aiôn para outro aiôn'," *"ex aiônos eis eteron aiôna."* Agora, mesmo que Aristóteles tivesse dito que a palavra foi inicialmente derivada de duas palavras que significam sempre ser (aie ôn), seu próprio uso dela demonstra que não tinha esse significado então (350 a.C.) Outra vez, (34) ele diz da terra: "Todas essas coisas parecem ser feitas para o bem dela, a fim de manter a segurança durante seus aiônos", duração ou vida. E ainda mais pertinente é esta citação sobre a existência de Deus. (35)

Vida e um aiôn CONTÍNUO E ETERNO, "zoe kai aiôn, sunekes kai aidios, etc." Aqui a palavra aidios [eterno] é empregada para qualificar aiôn e dar a ele o que não tinha por si mesmo, o sentido de eterno. Aristóteles não poderia ser culpado de tal linguagem como "uma eternidade eterna". Se a palavra aiôn contivesse a ideia de eternidade em seu tempo, ou em sua mente, ele não teria acrescentado aidios. "Pois o limite que abrange o tempo da vida de todo homem, chama-se sua existência contínua, aiôn. No mesmo princípio, o limite de todo o céu, e o limite que encerra o sistema universal, é o divino e imortal aiôn sempre existente, derivando o nome aiôn de *sempre existente (aei ôn)"*(36) Em onze de doze instâncias nas obras de Aristóteles, aiôn é usado de forma duvidosa, ou de maneira semelhante à instância acima citada, [de um aiôn para outro, isto é, de uma época para outra], mas nesta última instância é perfeitamente claro que um aiôn só é infinito quando é descrito por um adjetivo como aidios, cujo significado é infinito. Ninguém se importa com a

origem da palavra, depois de ouvir do próprio Aristóteles que os objetos criados existem de um aiôn para outro, e que a existência do Deus eterno não é descrita por uma palavra tão fraca, mas pela adição de outra que expressa uma duração infinita. Aqui aiôn só obtém a força de duração eterna por ser reforçada por uma palavra que significa imortal.

Se aiôn significava eternidade, a adição de imortal é como adicionar ouro a ouro refinado e tinta de branca de corretor na pétala do lírio. Na maioria deles, a palavra é ampliada por adjetivos descritivos. Ésquilo chama Júpiter de “rei do aiôn incessante”, e Aristóteles afirma expressamente em um caso que o aiôn do céu “não tem começo nem fim”, e em outro caso ele chama a vida do homem de seu aiôn, e o aiôn do céu “imortal." Se aiôn denota eternidade, por que acrescentar “nem começo nem fim” ou “imortal” para descrever seu significado? Essas citações irrespondíveis mostram que aiôn nos clássicos nunca significa eternidade, a menos que uma palavra

qualificadora ou assunto relacionado a ela acrescente ao seu valor intrínseco.

Diz o Dr. Beecher: Em Roma havia certos jogos periódicos conhecidos como jogos seculares, do latim seculum, um período ou era. O historiador Herodiano, escrevendo em grego, chama esses jogos “aiônicos”, ou seja, periódicos, ocorrendo no final de um seculum. Seria estranho, de fato, chamá-los de jogos eternos ou durando para sempre. Cremer, em seu magistral Dicionário do grego do Novo Testamento (*Lexicon of New Testament Greek),* afirma que o significado geral da palavra é 'Pertencente ao aiôn'”. Heródoto, Isócrates, Xenofonte, Sófocles, Diodorus Siculus usam a palavra exatamente da mesma maneira. Diodorus Siculus diz “ton apeiron aiôna”, “tempo indefinido”. (apeiros, α + πειρος [G0552], desconhecido)

* De Legib. Lib. Iii.

3.4 OS CLÁSSICOS NUNCA USAM AIÔN PARA DENOTAR ETERNIDADE.

Parece, então, que os escritores gregos clássicos, por mais de seis séculos antes da Septuaginta ser escrita, usaram a palavra aiôn e seu adjetivo, mas nem uma vez no sentido de duração *infinita.*

Quando, portanto, os Setenta traduziram as Escrituras Hebraicas para o grego, que significado eles devem ter pretendido dar a essas palavras? Não é possível, é absolutamente indefensável que eles os tenham usado com qualquer outro significado além daquele que eles tinham na literatura grega antecedente. Como a palavra hebraica que significa cavalo foi traduzida por uma palavra grega que significa cavalo, como cada palavra hebraica foi trocada por uma palavra grega que denota exatamente a mesma coisa, então os termos que expressam a duração em hebraico tornaram-se termos gregos que expressam uma duração semelhante. Os tradutores consistentemente traduzem *olam* por

aiôn, ambos denotando duração *indefinida.*

Mostramos (item 2.3), que a ideia de eternidade não havia entrado na mente hebraica quando o Antigo Testamento foi escrito. Como então poderia existir termos expressivos de duração infinita? Acabamos de mostrar que a literatura grega compreende uniformemente a palavra no sentido de duração limitada. Isso nos mostra exatamente como a palavra foi tomada na época em que a Septuaginta foi feita e nos mostra como ler compreensivamente o Antigo Testamento.

Quando finalmente a ideia de eternidade foi reconhecida pela mente humana, provavelmente primeiro pelos gregos, que palavra eles empregaram para representar a ideia? Consideraram adequado o aiôn-aiônion? De modo algum, Platão, Aristóteles e outros empregam *aidios* e a usam distintamente em *contraste* com aiôn. Nós exemplificamos com Aristóteles, (37) "O céu inteiro é um e

eterno (aidios) sem começo nem fim como um aiôn completo.” No mesmo capítulo, “aidios” é usado para significar eternidade.

Platão,(38) chama os deuses de *aidion,* e a sua essência de *aidion,* em contraste com as coisas temporais, que são *aiônios. Aidios* então, é a palavra descritiva favorita de duração infinita nos escritores gregos contemporâneos da Septuaginta. Aiôn nunca é assim usado.

Quando, portanto, os Setenta traduziram as Escrituras Hebraicas para o grego, eles devem ter usado essa palavra com o significado que tinha sempre que a encontravam nos clássicos gregos. Acusá-los de usá-la de outra forma é acusá-los de enganar intencionalmente.

O Sr. Goodwin observa bem: “Os lexicógrafos que atribuem a eternidade como um dos significados de aiôn, apelam uniformemente por provas ou para a teologia, ou para o hebraico ou para o grego rabínico, ou alguma espécie de

grego posterior à época dos Setenta, se não posterior a a época dos apóstolos, tanto quanto posso verificar. Não conheço um único caso em que qualquer lexicógrafo tenha encontrado no uso do grego clássico antigo, alguma evidência de que aiôn significa eternidade. O GREGO CLÁSSICO ANTIGO O REJEITA TOTALMENTE.“

”Por antigo ele quer dizer o grego existente em eras anteriores aos dias dos Setenta (terceiro século antes de Cristo).
Assim, parece que quando os Setenta começaram seu trabalho de dar ao mundo uma versão grega do Antigo Testamento que deveria transmitir o sentido exato da Bíblia hebraica, eles devem ter usado aiôn no sentido em que era usado. Duração infinita não é o significado que a palavra tinha na literatura grega da época. Portanto, a palavra não pode ter esse significado no grego do Antigo Testamento. Nada pode ser mais claro do que a literatura grega na época em que o Antigo Testamento hebraico foi traduzido na Septuaginta grega não deva a Aiôn o

significado de duração infinita. Vamos então considerar o uso do Antigo Testamento.

Capítulo 4. O USO NO ANTIGO TESTAMENTO.

Concluímos, *a priori,* que o Antigo Testamento (Septuaginta) deve empregar a palavra Aiôn no sentido de duração indefinida, porque esse era o significado uniforme da palavra em toda a literatura grega antecedente e contemporânea. Caso contrário, o Antigo Testamento enganaria seus leitores.

Passamos agora a mostrar que esse é o uso real da palavra no Antigo Testamento.

E façamos uma pausa no início de nossa investigação para falar do absurdo absoluto da ideia de que Deus colocou o grande tópico do bem-estar imortal de milhões de almas no significado de uma única palavra equívoca. Se ele pretendesse ensinar punição sem fim com uma palavra, essa palavra teria sido tão

explícita, uniforme e frequente que nenhum mortal poderia confundir seu significado. Teria ficado única e peculiar entre as palavras. Não seria mais encontrada transmitindo um significado limitado do que o nome sagrado de Jeová aplicado a qualquer ser finito. Em vez de denotar todos os graus de duração, como o faz, não teria nunca significado menos que a eternidade. O pensamento de que Deus atrelou a questão do destino *final* do homem em tal palavra pareceria muito absurdo para ser entretido por qualquer mente reflexiva, se não soubesemos que tal ideia é sustentada por Cristãos.

A duração sem fim nunca é expressa ou implícita no Antigo Testamento por Aiôn ou qualquer um de seus derivados, exceto nos casos em que adquire esse significado do assunto relacionado a ele.

Como isso é usado? Vamos apresentar alguns exemplos ilustrativos:

4.1 EXEMPLOS.

Gênesis 6:4, "Naqueles dias havia gigantes na terra; e também depois disso, quando os filhos de Deus conheceram as filhas dos homens, e elas lhes geraram filhos, estes se tornaram valentes que existiram na antiguidade, (aiônos), homens de renome".

Gênesis 9:12, A aliança de Deus com Noé era " por gerações perpétuas (aiônios)".

Gênesis 9:16; O arco-íris é o símbolo da "aliança eterna (aiônion)" entre Deus e "toda a carne que está sobre a terra".

Gên 13:15; Deus deu a terra a Abrão e sua semente "para sempre" (aiônos). O Dr. T. Clowes diz que esta passagem significa a duração da vida humana e acrescenta: "Que ninguém se surpreenda por usarmos a palavra Olam (Aiôn) neste sentido limitado. Isso é um das significações mais usuais do hebraico Olam e do grego Aiôn".

Em Isaías 58:12; traduz-se com “lugares *antigamente*” e “fundamentos *antigos*” (aiônioi e aiônia). “E os que de ti procederem edificarão os lugares antigamente assolados; e levantarás os fundamentos antigos de geração em geração: ...” (αι ερημοι αιωνιοι και εσται σου τα θεμελια αιωνια)

Em Jeremias 18:15, 16, antigo e perpétuo, (aiônious e aiônion). “Porque meu povo se esqueceu de mim, eles queimaram incenso à vaidade e os fizeram tropeçar em seus caminhos das veredas antigas, para andar em caminhos, em um caminho não construído; para tornar sua terra desolada e um assobio perpétuo; todo aquele que passar por ali ficará surpreso e abanar a sua cabeça." Muito mais de tais exemplos podem ser citados.

Êxodo 15:18, “O Senhor reinará era sobre era e além,” (ton aiôna, kai ep aiôna, kai eti.)
(“κυριος βασιλευων τον αιωνα και επ' αιωνα και ετι”)

Êxodo 12:17, “E observareis a festa dos pães ázimos; porque neste mesmo dia tirei os vossos exércitos da terra do Egito, portanto observareis este dia nas vossas gerações por ordenança para sempre” (aiônion). Números 10:8, “E os filhos de Arão, os sacerdotes, tocarão as trombetas; e a vós serão por estatuto perpétuo (aiônion) POR TODAS AS VOSSAS GERAÇÕES.” "vossas gerações”, é aqui idiomaticamente dado como o equivalente preciso de “para sempre”.

Canaã foi dada como uma “possessão eterna (aiônion)”; (Gen. 17:8, 48:4; Lev. 24:8,9;) as colinas são eternas (aiônioi (Hab. 3:6;) o sacerdócio de Aarão (Ex. 40:15; Num. 25:13 ; Lev. 16:34;) deveria existir para sempre e continuar através da duração eterna; o templo de Salomão deveria durar para sempre (1 Crônicas 17:12) embora tenha deixado de existir há muito tempo; os escravos deveriam permanecer em cativeiro para sempre, (Lev 25:46) embora a cada quinquagésimo ano todos os servos hebreus fossem libertados (Lev 25:10) Jonas sofreu uma prisão atrás das grades eternas (αιωνιοι)

da terra (Jonas 2:6) a fumaça de Idumea deveria subir para sempre, (Isaías 34:10) embora não suba mais, para os judeus Deus diz (Jeremias 32:40) “e trarei uma reprovação eterna sobre você, e um vergonha perpétua, que não será esquecida”, e ainda assim, depois que a plenitude dos gentios entrar, Israel será restaurado. Romanos 11:25-26.

Não apenas em todos esses e em muitos outros casos a palavra significa duração limitada, mas também é usada no plural, excluindo-a assim do sentido de sem fim, pois só pode haver uma eternidade. Em Êxo. 15:18; a leitura literal, se permitirmos que a palavra signifique eternidade, é “eternidade sobre eternidade e mais.”(“τον αιωνα και επ' αιωνα και ετι”). Miquéias 4:5, “Andaremos no nome do Senhor nosso Deus para a eternidade e além,” *eis ton aiôna kai epekeina (εις τον αιωνα και επεκεινα (G1900))*. Salmos 119:43-44, “E não retires totalmente da minha boca a palavra da verdade; pois tenho esperado em teus juízos. Então guardarei a tua lei

continuamente para todo o sempre. Esta é a combinação mais forte da fraseologia aioniana: *eis ton aiôna kai eis ton aiôna tou aiônos,* e ainda assim é a promessa de fidelidade de Davi enquanto ele viver entre eles que o "reprovam", na "casa de sua peregrinação". Salmos 148:4-6, "Louvai-o, ó céu dos céus, e vós, águas que estão acima dos céus. Louvem eles o nome do SENHOR, porque ele ordenou e logo foram criados. Ele também os estabeleceu *para todo o sempre (εις τον αιωνα)*: ele fez um decreto que não passará . O sol e a lua, as estrelas de luz e até as águas acima dos céus estão estabelecidos para sempre,"eis ton aiôna tou aiônos (εις τον αιωνα του αιωνος), e ainda assim o firmamento um dia se tornará como uma roupa dobrada, e os orbes do céu não existirão mais. Duração infinita está fora de questão nestes e em muitos casos semelhantes. Em Lam. 5:19, "para todo o sempre" é usado como o equivalente a "de geração em geração" ("εις γενεαν και γενεαν"). Joel 2:26-27, "E comereis fartamente e vos fartareis, e louvareis o nome do Senhor vosso Deus,

que procedeu para convosco maravilhosamente; e o meu povo nunca será envergonhado. E sabereis que estou no meio de Israel, e que eu sou o Senhor vosso Deus e nenhum outro; e o meu povo nunca será envergonhado.” Isso é falado da nação judaica. Isaías 60:15, “Considerando que foste abandonado e odiado, de modo que ninguém passou por ti, farei de ti uma excelência eterna (aiônion), uma alegria de muitas gerações.” Aqui muitas gerações (γενεων γενεαις) e eternos (αιωνιον) são equivalentes exatos. 1Sam. 1:22, “Mas Ana não foi porque disse a seu marido: Não subirei até que o menino esteja desmamado, e então o trarei, para que apareça perante o Senhor, e ali permaneça para sempre. A permanência de Samuel no templo deveria ser “para sempre” (aiônos) 2 Reis 5:27, “A lepra, portanto, de Naamã se pegará a ti e à tua descendência para sempre.” (ton aiona). Provavelmente a semente de Geazi ainda está na terra, mas quer esteja ou não, a lepra se foi. Daniel 2:4, “Então falaram os caldeus ao rei em siríaco, ó rei, vive para

sempre: *eis tous aiôna*." O viver para sempre do caldeu significava precisamente o que o francês Vive e o inglês "Viva o Rei" significam. A duração eterna nunca entrou no pensamento. Jeremias 17:25, "Então entrarão pelos portões desta cidade reis e príncipes sentados no trono de Davi, andando em carros e montados em cavalos, eles e sua cidade permanecerão para sempre," *eis ton aiôna*. A eternidade não foi prometida aqui. Longa duração é a extensão da promessa. Josué 4:7, "Então lhes respondereis: Que as águas do Jordão foram cortadas diante da arca da aliança do SENHOR: quando passou o Jordão, as águas do Jordão foram cortadas; e estas pedras serão *para sempre* um memorial aos filhos de Israel," *tou aiônos*. Estas pedras não são mais um memorial. Esse "para sempre" acabou. Para todo o sempre é aplicado às hostes do céu, ou o sol, a lua e as estrelas: a uma escrita contida em um livro; à fumaça que subiu da terra em chamas de Idumea;(Isaías 34:10) e ao tempo em que os judeus deveriam habitar na Judéia. (39) A palavra

“nunca” é aplicada ao tempo em que a espada permaneceria na casa de Davi, ao tempo em que os judeus deveriam experimentar vergonha.

“Eterno”(αιωνιος) (41) é aplicada à aliança de Deus com os israelitas; ao sacerdócio de Aarão; aos estatutos de Moisés; na época em que os israelitas deveriam possuir a terra de Canaã; para as montanhas e colinas; e às portas do templo. (42) A expressão “para sempre” é aplicada à duração da existência terrena do homem; ao tempo em que uma criança deveria permanecer no templo; à continuação da lepra de Geazi; a duração da vida de David; à duração da vida de um rei; à duração da terra; na época em que os judeus deveriam possuir a terra de Canaã; ao tempo em que deveriam habitar em Jerusalém; ao tempo em que um servo deveria permanecer com seu mestre; ao tempo em que Jerusalém deveria permanecer uma cidade; à duração do templo; às leis e ordenanças de Moisés; ao tempo em que Davi seria rei sobre Israel; ao trono de Salomão; para o pedras que

foram colocadas no Jordão; ao tempo em que os justos deveriam habitar a terra; e até aos três dias em que Jonas esteve na barriga do peixe. (43) E, no entanto, a terra de Cannan, a “possessão eterna” dos israelitas, passou da mão deles; a aliança da circuncisão, uma “aliança eterna” foi abolida há quase dois mil anos; a expiação sacrificial (Lev. 16), um estatuto eterno, é revogada pela expiação de Cristo; A David nunca faltaria um descendente para sentar no trono de Israel. Esta linha de sucessão aioniana foi quebrada há muito tempo. Encontramos o substantivo Aiôn trezentas e noventa e quatro vezes no Antigo Testamento, e o adjetivo Aiônion cento e dez vezes, e em quase todas (exceto quatro vezes) é a tradução de Olam.

4.2 O SUBSTANTIVO.

Com excessão das passagens onde é aplicado a Deus, e onde por associação pode ser possível implicar infinito, assim como grande aplicado a Deus significa

infinito, vamos consultar o uso geral: Ecl. 1:10, “Há alguma coisa de que se possa dizer: Vês isto, é novo? já foi nos séculos passados, que foram antes de nós.” Salmos 25:6, “Lembra-te, ó SENHOR, das tuas misericórdias e das tuas benignidades; pois elas são desde os tempos antigos (aiônos, απο του αιωνος).” Salmos 119:52, “Lembrei-me dos teus julgamentos antigos, ó Senhor; e me consolei”. Isaías 46:9, “Lembre-se das coisas anteriores do passado.” Isaías 64:4, “Porque desde a antiguidade” (aiônos, απο του αιωνος). Jeremias 28:8a, “Os profetas que já houve antes de mim e antes de ti, desde a antiguidade, eles profetizaram contra muitas terras,...” Jeremias 2:20, “Porque desde os tempos antigos quebrei o teu jugo, e rompi as tuas ataduras.” Prov. 8:23, “Desde a eternidade (aiônos) fui ungida (a sabedoria), desde o princípio, antes do começo da Terra. ” Aqui aiônos e “antes do começo da Terra, estão em aposição. Salmos 73:12, “Eis que estes são os ímpios, que prosperam no mundo (aiônos.)”, Deut. 32:7, “Lembre-se dos velhos tempos.” Ezequiel 26:20, “As

pessoas dos tempos antigos.” Salmos 143:3, “Aqueles que já morreram há muito tempo.” O mesmo em Lam. 3:6. Amós 9:11, “Dias antigos”. Isaías 1:9, “Gerações de tempos em tempos.” Miquéias 7:14, “Dias antigos”. O mesmo em Malaquias 3:4. Salmos 48:14, “Pois este Deus é o nosso Deus para todo o sempre: ele será nosso guia até a morte.” Esta forma plural denota “até a morte”. O reino de Cristo é profetizado como destinado a durar “para sempre”, “sem fim”, etc. Dan. 2:44; Isa. 59:21; Salmos 110:4; Isaías 9:7; Salmos 89:29. Agora, se algo é ensinado na Bíblia, é que o reino de Cristo terminará. Em 1 Coríntios 15:24 é expressa e explicitamente declarado que Jesus entregará o reino a Deus Pai, que seu reinado cessará completamente. Portanto, quando lemos em passagens como Dan. 2:44, que o reino de Cristo permanecerá para sempre, devemos entender que o para sempre denota o reinado do Messias, limitado pelo “fim”, quando Deus será “tudo em todos”. Os servos foram declarados presos para sempre, quando todos os servos eram emancipados a cada

cinquenta anos. Assim em Deut. 15:16,17, lemos: “E será que, se ele te disser: Não me afastarei de ti; porque ele ama a ti e a tua casa, porque ele está bem com você, então você deve pegar uma sovela e enfiá-la através o ouvido à porta, e será teu servo para sempre”. E, no entanto, somos informados, Lev. 45:10,39,41, “E santificareis o quinquagésimo ano e proclamareis liberdade em toda a terra a todos os seus habitantes; e tornareis cada homem à sua possessão e tornareis cada homem à sua família. E se teu irmão, que habita contigo, empobrecer e te for vendido; não o obrigarás a servir como servo, mas como jornaleiro e como peregrino estará contigo, e te servirá até o ano do jubileu; e então se apartará de ti, ele e seus filhos com ele, e voltará à sua própria família e à possessão de seu pai ele voltará.” O “para sempre” no máximo só poderia ser quarenta e nove anos e trezentos e sessenta e quatro dias e algumas horas. E certamente ninguém atribuirá duração infinita a aiôn nas seguintes passagens: II Sam. 7:16,29; 1Reis 2:45 e 9:5; 1Cron. 17:27 e 28:4;

2Crôn. 13:5; Sal. 84:4; Ezeq. 37:25; 2Sam. 13:13; 2Sam. 7:13,16,25,26; 22:51; 1Reis 2:33; 1Crôn. 17:12,14,14,23, e 22:10, 28:7; Sal. 18:50, 89:4 e 132:12; Êxo. 32:13, Josué 14:9; 1Crôn. 20:7; Juízes 2:1; 2Crô. 7:3; Sal. 105:8; Gên 13:15; 1Crô. 28:4,7,8; Jeremias 31:40; Ezeq. 37:25; Jeremias 7:7; 2Sam. 7:24; 1Chron. 17:22; Joel 3:20; 2Reis 21:7; 2Crô. 33:4; Salmos 48:8; Jeremias 17:25; 1Crôn. 23:25; Isa. 28:7; 1Reis 9:3; 2Crô. 30:8; Ezeq. 37:26,28; 2Crô. 7:16; Êxo. 19:9 e 40:15; 1 Crôn. 23:13; 1Crôn. 15:2; Lev. 3:17; 2Crô. 2:4; Êxodo 12:24; Josué. 4:7; Amos 1:11; Isa. 13:20; Isa. 33:20, 34:10; 1Reis 10:9; 2Crô. 9:8; Salmos 102:28; Ezeq. 43:7.

Muitas passagens aludem à terra como durando para sempre - à sepultura, como o "longo lar" do homem (n.t. o autor possivelmente se refere a Salmos 23:6), à existência de Deus, como "para sempre, etc." Freqüentemente, a linguagem é equivalente a “para os séculos” ou “de era em era”, e às vezes a duração eterna é predicada, nunca porque a palavra a obriga, mas porque o tema tratado exige

isso.

4.3 O ADJETIVO

Aiôn é aplicado a Deus, Sião e coisas intrinsecamente infinitas, e assim adquire dos assuntos conectados um significado não inerente à palavra, como nas seguintes passagens: Gên. 21:33; Êxo. 3:15; Jó 33:12; Isa. 40:28, 51:11, 54:8, 55:3,13, 55:5; 60:15,19, 61:7,8; 63:12; Ezeq. 37:26; Dan. 7:27, 9:24, 12:2; Hab. 3:6; Salmos 112:6, 130:8.

4.4 O ADJETIVO LIMITADO

Mas é encontrado com significado limitado nestas e em outras passagens: Gên. 9:12-16; Gên. 17:8,13,19; e Num. 25:13; Êxo. 12:14,17; 27:21; 28:43; 29:28; 30:21; 31:16,17; Lev. 6:18,22; 7:34,36; 10:15; 16:29,31,34; 17:7; 23:14,31,41; 24:3,8,9. Num. 10:8; 15:15; 18:8,11,19,23; 19:10,21; 2Sam. 23:5; 1Crôn. 16:17; Isa. 24:5; Ezeq. 16:60; Salmos 77:5; Isaías 73:11; Jerem. 6:16; 18:15; Jó 21:11; 22:15;

Isa. 58:12; 61:4; Ezeq. 26:20; Prov. 22:28; 23:10; Ezeq. 36:2; 35:5; Isa. 54:4; Jerem. 5:22; 18:16; 25:9,12; Ezeq. 35:9; Jerem. 20:17; 23:40; 51:39; Miqueias 2:9.

Citemos alguns dos textos anteriores: "E observareis a festa dos pães ázimos; porque neste mesmo dia tirei os vossos exércitos da terra do Egito; portanto, observareis este dia em vossas gerações *por estatuto perpétuo*." "E ordenarás aos filhos de Israel que te tragam azeitona pura batida para o candeeiro, para fazer a lâmpada arder *continuamente*." "Na tenda da congregação sem véu, que está diante do testemunho, Arão e seus filhos o ordenarão, desde a tarde até pela manhã, perante o Senhor; Êxo 30:21 - "E estarão sobre Arão e sobre seus filhos, quando entrarem na tenda da congregação, ou quando se chegarem ao altar para ministrar no lugar santo; para que não levem iniquidade e morram; isto será estatuto *perpétuo* (αιωνιον) para ele e para a sua descendência depois dele." Job 22:15 - "Não observaste o *antigo* (αιωνιον) caminho que os homens

perversos trilharam?” Jer 5:22 “Porventura me não temereis a mim? diz o Senhor; não temereis diante de mim, que pus a areia por limite ao mar, por ordenança *eterna (αιωνιον),* a qual não traspassará? ainda que se levantem as suas ondas, contudo não prevalecerão; ainda que bramam, contudo não a traspassarão.”

Tornar a palavra eterno mostrará o quão absurda é essa definição, nas seguintes passagens (44): “Dar-te-ei a ti e à tua descendência depois de ti, a terra de tuas peregrinações, toda a terra de Canaã, em *perpétua* possessão.”

“E tu os ungirás como a seu pai, para que certamente sejam um sacerdócio por meio da *eternidade*.” “Então seu senhor o levará à porta, ou aos umbrais da porta, e seu senhor lhe furará a orelha com uma sovela, e ele servirá ele por toda a *eternidade*.”

“A água me envolveu – até a alma; As ervas daninhas estavam enroladas em minha cabeça, Desci ao fundo das colinas; A terra com suas barras eternas estava

sobre mim.”

Além disso, os textos anexados demonstram a impropriedade da tradução popular, que nos obrigaria a ler (45): Êxo 15:18 - “O Senhor reinará na eternidade, e durante a eternidade, e MAIS TEMPO.” (κυριος βασιλευων τον αιωνα και επ' αιωνα και *ετι*) ou “O Senhor reinará de geração em geração, e além de todas *as eras*; (κυριος βασιλευων *τον αιωνα και επ' αιωνα και ετι*) Dan 12:3 - “E os que forem sábios brilharão como o esplendor do firmamento; e aqueles que convertem muitos à justiça como as estrelas pelas eternidade da eternidade (εις τον αιωνα του αιωνος) (JFA: sempre e eternamente).” Miq 4:5 “E vamos caminhar em nome de Jeová, nosso Deus, por toda a eternidade e além.” (εις τον αιωνα και επεκεινα) Mas substitua por “as eras” e o sentido é perfeito. Dan. 12:3, “Através dos tempos e além de todos eles;” Miquéias 4:5, “Através da era e além dela.” (εις τον αιωνα και επεκεινα)

Ninguém pode ler o Antigo Testamento com cuidado e sem preconceitos e deixar

de ver que a palavra tem uma grande variedade de significados, mantendo alguma relação com a duração, como a palavra grande faz ao tamanho. Dizemos que Deus é infinito quando o chamamos de Grande Deus, não porque grande significa infinito, mas porque Deus é infinito. O Deus aiônion é de duração eterna, mas o fumo aiônion de Idumea expirou, e o as colinas de aiônion um dia desmoronarão, e todas as coisas meramente aionianas deixarão de existir.

Embora seja uma regra da linguagem que adjetivos qualifiquem e descrevam substantivos, é não menos verdade que os substantivos modificam os adjetivos. Uma flor alta, um cachorro alto, um homem alto e uma árvore alta têm diferentes graus de comprimento, embora os diferentes substantivos sejam descritos pelo mesmo adjetivo. O adjetivo é modificado em cada instância por seu substantivo, assim como as barras aionianas que detiveram Jonas por três dias, e o sacerdócio aioniano de Arão já terminou, e as colinas aionianas serão destruídas, e o castigo aioniano,

sempre *proporcional* à culpa humana, são de diferentes graus de duração. O adjetivo é modificado e seu comprimento é determinado pelo substantivo com o qual está conectado.

4.5 O SUJEITO DETERMINA A DURAÇÃO DESCRITA PELO ADJETIVO.

O Prof. Tayler Lewis diz: “'Uma geração passa, e outra geração vem; mas a terra permanece *para sempre*.' (Ecl 1:4) Isso certamente indica, não uma interminável eternidade no sentido mais estrito da palavra, mas apenas um futuro de duração longa (a terra também passará). Êxo. 31:16; 'Portanto os filhos de Israel guardarão o sábado, guardando o sábado nas suas gerações, por concerto *perpétuo*.' *Olam* aqui parece ser tomado como um termo hiperbólico para duração indefinida ou não medida.” Onde o contexto exige, como “Eu vivo para sempre” (ζω εγω εις τον αιωνα, Deut. 32:40) , falado por Deus, Tayler diz que significa duração sem fim, pois “é o

assunto ao qual é aplicado que força isso, e NÃO nenhuma necessessidade etimologica da palavra em si. Ele acrescenta que Olam e Aiôn, no plural, “eras” e “eras de eras”, demonstram que nenhuma das palavras, por si só, denota a eternidade. Ele admite que eles (os plurais) são usados para dar uma ideia de eternidade, mas porque aplicados a Deus e seu reino, as eras em si são finitas (46). O Prof. Lewis. é eminentemente culto e eminentemente ortodoxo.

4.6 O FIM DAS COISAS AIONIANAS.

Agora os judeus perderam sua excelência eterna; Aarão e seus filhos cessaram o sacerdócio; o sistema mosaico foi substituído pelo cristianismo; os judeus não possuem mais Canaã; Davi e sua casa perderam o trono de Israel; o templo judaico está destruído e Jerusalém está eliminada como a cidade santa; o servos que seriam escravos para sempre estão todos livres de seus senhores; Geazi está curado de sua lepra; as pedras estão

removidas do Jordão e a fumaça da Iduméia não sobe mais; os justos não possuem a terra que lhes foi prometida para sempre; algumas das colinas e montanhas caíram, e o dente do Tempo irá um dia roer o último deles até o pó; o fogo expirou do altar judaico; Jonas escapou de sua prisão; todas essas e muitas outras coisas eternas, para sempre - coisas que durariam para sempre e às quais as várias palavras aionianas são aplicadas - agora terminaram, e se essas centenas de instâncias devem denotar uma duração limitada, por que as poucas vezes em que as punições são mencionadas teriam outro significado? Mesmo que duração infinita fosse o significado intrínseco da palavra, todos os leitores inteligentes da Bíblia perceberiam que a palavra deve ser empregada para denotar duração limitada nas passagens acima citadas. E certamente nas poucas vezes em que está relacionado com a punição deve ter um significado semelhante. Porque quem administra essa punição? Não um monstro, não um demônio infinito, mas um Deus de amor e misericórdia, e o mesmo

bom senso que nos proibiria de dar à palavra o significado de duração infinita, fosse esse o seu significado literal, quando o vemos aplicado ao que nós sabemos que terminou, nos proibiria de dar-lhe esse significado quando aplicado às relações de um Pai Infinito com um filho amado e errante. Mas quando o interpretamos à luz de sua lexicografia e uso geral do Antigo Testamento, e percebemos que ele só tem o sentido de infinito quando o sujeito o obriga, como quando se refere a Deus, vemos que é um espécie de blasfêmia dizer que denota duração infinita ao descrever os castigos de Deus.

4.7 APLICADO À PUNIÇÃO.

Algums exemplos proeminentes ilustram o uso da palavra relacionada à punição. Salmos 9:5, “Tu destruíste os ímpios.” Como? A explicação segue: “Tu apagaste o nome deles para todo o sempre” (*ton aiona, kai eis ton aiona tou aionos.*) A punição não é um tormento sem fim, mas o esquecimento. Salomão em outro lugar

observa: Prov. 10:7, "O nome dos ímpios apodrecerá", enquanto Davi diz, Salmos 112:6, “Os justos estarão em memória eterna.” Salmos 78:66, “Ele os colocou (seus inimigos) em reprovação perpétua.” Isaías 33:14, “Quem dentre nós habitará com o fogo consumidor? Quem de nós habitará com queimaduras eternas?” O profeta está aqui falando dos julgamentos *temporais* de Deus, representado pelo fogo. “A terra está de luto; O Líbano está envergonhado; o povo será como a queima de cal. Quem habitará em segurança em meio a esses julgamentos ardentes? Essas queimaduras aionianas? “Aquele que anda retamente.” julgamentos terrenos entre os quais os retos devem habitar em segurança são descritos aqui, e não o fogo sem fim a seguir. Jeremias 17:4, “Você acendeu um fogo na minha raiva que arderá para sempre.” Onde seria isso? O versículo anterior nos informa. “Farei com que você sirva a seus inimigos em uma terra que você não conhece.” Jeremias 23:40, “Trarei uma reprovação eterna sobre você; e uma vergonha perpétua que não será esquecida. O contexto explica

completamente este versículo Jeremias 23:39: “Esquecer-me-ei completamente de ti, e te abandonarei, e a cidade que dei a ti e a teus pais. Veja Jeremias 20:11. Mal. 1:4, “O povo contra quem o Senhor tem indignação para sempre.” Este é um anúncio dos julgamentos de Deus sobre Edom” “Eles construirão, mas eu derrubarei” e eles os chamarão de fronteira da maldade, e o povo contra quem o Senhor tem indignação para sempre.

4.8 VERGONHA E DESPREZO ETERNOS.

Dan. 12:2, “E muitos dos que dormem no pó da terra despertarão, alguns para a *vida eterna*, e alguns para *vergonha e desprezo eterno*.” Quando isso aconteceria? "Naquela hora." Que horas? Versículo 31, cap. 11, fala da vinda da “abominação desoladora”. Jesus diz, Mat. 24:15,16, Lucas 21:20,21, “Quando, pois, (os discípulos) virdes que a abominação da desolação, predita pelo profeta Daniel, está no lugar santo, então os que

estiverem na Judéia fujam para o montanhas. E quando virdes Jerusalém cercada de exércitos, então sabei que a sua desolação está próxima. Então, os que estiverem na Judéia fujam para os montes; e saiam os que estiverem no meio dela; e os que estão nos campos não entrem nela.” Daniel diz que isso aconteceria (12:7) “Quando ele tiver conseguido espalhar o poder do povo santo”. Jesus diz: “Porque haverá então grandes tribulações, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora; não, nem nunca haverá.” E quando isso acontecer Jesus nos diz: “esta geração não passará, até que todas estas coisas sejam cumpridas”. Os eventos discutidos em Daniel são os mesmos de Mateus. 24, e veio a este mundo na geração que crucificou Jesus.

4.9 O PÓ DA TERRA.

A frase dormir no pó da terra, é claro, é empregada figurativamente, para indicar preguiça, letargia espiritual, como em

Salmos 44:25; Isaías 25:12; 26:5; 1Tim. 5:6; Apoc. 3:1, “Porque a nossa alma está prostrada até o pó.” “E a fortaleza do alto forte de teus muros ele derrubará, abaterá e derrubará por terra, até o pó.” “Porque ele derruba os que habitam no alto; a cidade elevada, ele a rebaixa; ele o coloca baixo, até o chão; ele a reduz até o pó”. “Mas a que vive em deleites, enquanto vive, está morta.” Apo 3:1 - “Eu sei as tuas obras, que tens nome de que vives, e estás morto.”(na Bíblia, frequentemente, estar morto não é literal e, portanto, Daniel 12:2 não é sobre castigo pós morte)

Foi uma profecia do despertar moral que veio na época do advento de Jesus e foi então cumprida. Quando chegamos a Mat. 24 e 25 veremos a natureza exata desse julgamento. Walter Balfour descreve isso, (47) “Eles,” (aqueles que obedeceram ao chamado de Jesus) “ouviram a voz do Filho de Deus, e viveram.” Veja João 5:21,25,28,29, Efésios 5:14. O resto continuou até que a ira de Deus veio sobre eles ao máximo. Todos eles, finalmente, acordaram; mas foi uma pena e desprezo

eterno, sendo dispersos entre todas as nações, e eles se tornaram um provérbio e um assobio até o dia de hoje. Jeremias, no capítulo 23:39,40, previu esse mesmo castigo e o chama de “reprovação eterna e vergonha perpétua”.

Jer 23:39-40 Por isso, eis que também eu me esquecerei totalmente de vós, e a vós, e à cidade que vos dei a vós e a vossos pais, arrancarei da minha face. [40] E porei sobre vós perpétuo opróbrio, e eterna vergonha, que não será esquecida.

Essas poucas passagens, (nenhuma das quais transmite a ideia de punição sem fim,) são tudo o que conecta nossa palavra que denota duração (olam, aiôn) com punição no Antigo Testamento.

Das mais de quinhentas ocorrências de nossa palavra no Antigo Testamento, mais de quatrocentas denotam duração limitada, de modo que a grande preponderância do uso do Antigo Testamento concorda plenamente com os

clássicos gregos. As instâncias restantes seguem a regra dada pelos melhores lexicógrafos, que só significa infinito quando deriva seu significado ou infinito da natureza de o assunto com o qual está conectado.

O Dr. Beecher (48) observa que o sentido de infindável dado à fraseologia aioniana "enche o Antigo Testamento de contradições, pois faria com que declarasse a eternidade absoluta de sistemas que frequentemente e enfaticamente declara serem temporários. Também não se pode dizer que aiônios denota duração a não ser que a natureza das coisas o permite. As ordenanças mosaicas podiam durar pelo menos até o fim do mundo, mas não duraram. Além disso, segundo esse princípio, as exceções ao verdadeiro sentido da palavra excedem seu uso adequado; pois na maioria dos casos no Antigo Testamento aiônios é aplicado ao que é limitado e temporário."

Agora, se o castigo sem fim aguarda milhões da raça humana, e se é denotado

por esta palavra, seria possível que apenas Davi, Isaías, Jeremias, Daniel e Malaquias usem a palavra para definir o castigo, em menos de uma dúzia de vezes, enquanto Jó, Moisés, Josué, Rute, Esdras, Neemias, Ester, Salomão, Ezequiel, Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu e Zacarias nunca a empregaram assim? Tal silêncio é criminoso, na hipótese popular (de punição eterna). Esses homens santos deveriam e teriam feito cada frase se eriçar com a palavra e, assim, ter levado a terrível mensagem à alma com uma ênfase que não poderia ser resistida nem contestada. O fato de que a palavra é tão rara e por tão poucos aplicada ao castigo, e nunca no Antigo Testamento ao castigo além da morte, demonstra que não pode significar infinito.

4.10 TESTEMUNHO DE ESTUDIOSOS.

Os melhores críticos admitem que a doutrina da punição sem fim não é

ensinada no Antigo Testamento. Mas a palavra em disputa é encontrada em conexão com punição no Antigo Testamento. Esta é uma concessão de que a palavra não tem tal significado no Antigo Testamento. Milman: “O legislador (Moisés) mantém um profundo silêncio sobre esse assunto fundamental, se não da política, pelo menos da legislação religiosa – recompensas e punições em outra vida”. Paley, Jahn, Whately são com o mesmo significado, e H.W.Beecher diz: “Se tivéssemos apenas o Antigo Testamento, não poderíamos dizer se havia alguma punição futura.” (49) Devemos então concluir que a palavra significa uma coisa no Antigo Testamento e outra no Novo, não achamos que continua no Novo o mesmo significado que descobrimos prevalecer uniformemente no Antigo Testamento, no grego anterior e na literatura contemporânea.

4.11 TRÊS PERGUNTAS

Três perguntas pressionam a mente com

força irresistível, e elas só podem receber uma resposta. 1º, se Deus tivesse pretendido punição sem fim, o Antigo Testamento poderia ter falhado em revelá-lo? 2º, se Deus não o anuncia no Antigo Testamento, é de se supor que ele o tenha revelado em outro lugar? 3º, ele esconderia por milhares de anos um destino tão terrível de milhões que ele criou e expôs a ele? Nenhum filho de Deus deve estar disposto a acusar seu Pai Celestial, com outra resposta que não uma negativa indignada a essas três perguntas.

Capítulo 5. O USO DA LÍNGUA GREGA PELOS JUDEUS DO TEMPO DE JESUS.

Os judeus que foram contemporâneos de Cristo, mas que escreveram em grego, ensinar-nos-ão como eles entendiam a palavra. É claro que quando Jesus a usou, ele a empregou como eles a entendiam.

Josefo (50) aplica a palavra à prisão a que João, o tirano, foi condenado pelos romanos; à reputação de Herodes; para o

memorial eterno erguido na reconstrução do templo, já destruído, quando escreveu; à adoração eterna no templo que, na mesma frase, ele diz que foi destruído; e designa o tempo entre a promulgação da lei e sua escrita, um longo aiôn. Acusá-lo de atribuir à palavra outro significado que não o de duração indefinida é acusá-lo de embrutecer-se. Mas quando ele escreve para descrever a duração infinita, ele emprega outro, e menos equívoco termos. Aludindo aos fariseus, ele diz:

"Eles acreditam que os ímpios estão detidos em uma prisão eterna [ergmon aidion] sujeitos a punição eterna" [aidios timoria]; e os essênios [outra seita judaica] "atribuíram às almas más um lugar escuro e tempestuoso, cheio de punição incessante [timoria adialeipton], onde sofrem uma punição imortal, [athanaton timorian]".

É verdade que por vezes aplica aiônion ao castigo, mas não é este o seu costume, e ele parece ter feito isso como alguém pode usar a palavra *grande* para denotar

duração eterna (*grande duração*), que é um termo indefinido para descrever o infinito. Mas aidion e athanaton são seus termos favoritos. Estes são inequívocos. Se apenas aiônion fosse usado para definir a ideia judaica da duração da punição futura, não teríamos nenhuma prova de que ela seria infinita.

Fílon, que era contemporâneo de Cristo, geralmente usava aidion para denotar infinito, e sempre usava aiônion para descrever a duração temporária. O Dr. Mangey, na sua edição de Fílon, diz que ele nunca usou aiônon para significar duração interminável. Ele usa a fraseologia exata de Mateus, 25:46, exatamente como Cristo a usou. “É melhor não prometer do que não ajudar prontamente, porque no primeiro caso não há culpa, mas no segundo há insatisfação da classe mais fraca, e um profundo ódio e castigo eterno [kolasis aiônios] daqueles que são mais poderosos." Aqui temos os termos exatos empregados por nosso Senhor, para mostrar que aiônion não significava infinito, mas sim duração

limitada no tempo de Cristo.

Fílon sempre usa athanaton, ateleuteton ou aidion para denotar infinito, e aiônion para duração temporária.

Stephens, em seu Thesaurus, cita uma obra judaica, [Solom. Paráb.] “A estes chamaram aiônios, ouvindo dizer que tinham realizado os ritos sagrados durante três gerações inteiras.” Isso mostra conclusivamente que a expressão “três gerações” era então um equivalente completo de aiônion. Agora, esses eminentes estudiosos eram judeus que escreveram em grego e que certamente conheciam o significado das palavras que empregavam, e deram às palavras aionianas o significado pelo qual estamos lutando, duração indefinida, a ser determinado pelo assunto.

Assim, os judeus do tempo de nosso Salvador evitavam usar a palavra aiônion para denotar duração infinita, pois aplicada em toda a Bíblia a assuntos temporários, não o ensinaria. Se Jesus

pretendesse ensinar a doutrina dos judeus, não teria ele usado os termos que eles usaram? (athanaton, ateleuteton, adialeipton ou aidion) Com certeza; Mas ele não o fez. Ele ameaçou a disciplina durante uma era, ou de longa duração, aos crentes em punição sem fim. Aiônion foi sua palavra enquanto a deles era aidion, adialeipton ou athanaton, -rejeitando assim suas doutrinas não apenas não empregando sua fraseologia, mas usando sempre e apenas aquelas palavras relacionadas com a punição, que denotam sofrimento limitado.

E, ainda mais para mostrar que não simpatizava com aqueles homens cruéis que provocaram sua morte, Jesus disse a seus discípulos: “Tomai cuidado e guardai-vos do fermento [doutrina] dos fariseus e dos saduceus” [crentes na miséria sem fim e crentes na destruição].

Se aiônion fosse a palavra mais forte, especialmente se denotasse duração infinita, quem não vê que teria sido de uso geral aplicado à punição pelos judeus

gregos de dezenove séculos atrás?

Temos, portanto, uma cadeia ininterrupta de Lexicografia e Uso Clássico, Antigo Testamento e Contemporâneo, tudo dando à palavra o significado que reivindicamos para ela. Duração indefinida é o significado dado desde o início até o Novo Testamento.

Capítulo 6. O USO NO NOVO TESTAMENTO.

6.1 AIÔN: O MESMO EM AMBOS OS TESTAMENTOS.

Falando àqueles que conheciam o Antigo Testamento, Jesus e seus apóstolos empregaram as palavras usadas naquele livro, no mesmo sentido em que são usadas nele. Não fazer isso seria enganar seus ouvintes, a menos que eles explicassem uma mudança de significado. Certamente não há prova de que a palavra mudou seu significado entre o Antigo e o Novo Testamento, portanto temos a obrigação de dar-lhe precisamente o

significado no Novo que tinha no Antigo Testamento.

Este significado vimos ser de duração indefinida. Um exame do Novo Testamento mostrará que o significado é o mesmo, como deveria ser, em ambos os Testamentos.

6.2 NÚMERO DE VEZES ENCONTRADAS E COMO FORAM TRADUZIDAS.

As diferentes formas da palavra ocorrem no Novo Testamento cento e noventa e nove vezes, se não me engano, o substantivo cento e vinte e oito, e o adjetivo setenta e uma vezes. Bruder's Concordance, última edição, dá aiôn cento e vinte e seis vezes, e aiônios setenta e duas vezes no Novo Testamento, em vez das primeiras noventa e quatro, e as últimas sessenta e seis vezes, como O professor Stuart, seguindo o texto grego de Knapp, declara.

Em nossa tradução comum (King James),

o *substantivo* é traduzido setenta e duas vezes "para sempre", duas vezes eterno, trinta e seis vezes mundo, sete vezes nunca, três vezes sempre, duas vezes mundos, duas eras, uma vez curso, uma vez mundo sem fim e duas vezes fica sem nenhuma palavra afixada como uma tradução. O adjetivo é traduzido uma vez "para sempre", quarenta e duas vezes eternal, três vezes mundo, vinte e cinco vezes eterno e uma vez eras anteriores.

6.3 O REINO DE CRISTO.

Dez vezes é aplicada ao Reino de Cristo. Lucas 1:33, "E ele reinará sobre a casa de Jacó para sempre; e o seu reino não terá fim." Veja também 1:55; Heb. 6:20; 7:17,21; 1 Ped 4:11; 2Ped. 1:11; 3:18; Apo. 1:6; 11:15. Mas o Reino de Cristo terminará, e ele entregará todo o domínio ao Pai, portanto, a duração infinita não é ensinada nessas passagens. Veja 1 Cor. 15.

6.4 A ERA JUDAICA.

É aplicada à era judaica mais de trinta vezes: 1Cor. 10:11, "Agora, todas essas coisas aconteceram a eles como exemplos; e elas foram escritas para advertência nossa, para quem já são chegados os fins dos tempos" (τα τελη των αιωνων). Consulte também Mat. 12:32; 13:22,39,40,49; 24:3; 28:20; Marcos 4:19; Lucas 1:70; 16:8; 20:34; João 9:32; Atos 3:21; 15:18; Rom. 12:2; 1Cor. 2:6,7,8; 3:18; 2Cor. 4:4; Gal. 1:4; Ef. 1:21; 2:2; 3:9; 1Tm. 6:17; 2Tm. 4:10; Tito 2:12; Heb. 9:26. Mas a era judaica terminou com o estabelecimento do Reino de Cristo. Portanto, a palavra não denota duração infinita aqui.

(N. do T.) : "1Co 10:11 ... τα τελη των αιωνων ..." ("os fins dos tempos sem fim?" Ou "os fins das eternidades?")

6.5 A FORMA PLURAL.

É usado no plural em Efé. 3:21; "a era das

eras”. (του αιωνος των αιωνων). Heb. 1:2; 11: 3, "por quem ele fez os mundos." "Os mundos foram moldados pela palavra de Deus”. Só pode haver uma eternidade. Dizer “por quem ele fez as eternidades” seria falar bobagens. A duração infinita não é inculcada nesses textos.

6.6 O SENTIDO DE DURAÇÃO FINITA.

A palavra ensina claramente a duração finita em passagens como Rom. 16:25; 2Cor. 4:17; 2Tm. 1:9; Filemom 15; Tito 1:2. Leia Rom. 16:25: “Desde que o mundo (eternidade?) começou.” 2Cor. 4:17: “Um peso eterno mui excelente de glória." Aqui “excelente” é uma palavra fornecida pelos tradutores, e o literal é “um excedendo por excesso o peso aioniano”. Mas o infinito não pode ser excedido. Portanto aiônion não significa aqui eterno.

(N. do T.) : “2Co 4:17 το γαρ παραυτικα ελαφρον της θλιψεως ημων καθ υπερβολην εις υπερβολην αιωνιον βαρος δοξης κατεργαζεται ημιν ”

Talvez possa-se dizer parafraseando: “uma

glória ultrapassando muito o peso da vida no mundo".

6.7 EQUIVALENTE A NÃO.

A palavra é usada como equivalente a *não* ou *nunca* em Mateus. 21:19; Marcos 11:14; João 13:8; 1Cor. 8:13. "Pedro disse-lhe 'nunca me lavarás os pés'" é um exemplo desse uso da palavra. Apenas denota eterno por acomodação.

(N.do T.) "[...] Nunca (meketi) mais nasça fruto de ti. E a figueira secou imediatamente." "μηκετι εκ σου καρπος γενηται εις τον αιωνα" "eis ton aiôna", presente no T.R., parece ter sido omitido nesta tradução. Talvez o "mais" em "Nunca mais" contém o significado)

6.8 APLICADO A DEUS, ETC.

Aplica-se a Deus, a Cristo, ao Evangelho, ao bem, ao mundo da Ressurreição, etc., em que o sentido de infindável é admissível porque imputado à palavra pelo sujeito associado, conforme declaram

Taylor e Fuerst, na página 17 deste livro, em Rom. 1:25; 9:5; 11:36; 16:27; Gal. 1:5; Fil. 4:20; 1Tim. 1:17; 2Tm. 4:18; 1João 2:17; 1Pedro 5:11; Apo. 7:12, 15:7; Rom. 16:26; 2Cor. 4:18, 5:1; 2Tm. 2:10; Heb. 6:2, 9:12,14,15, 13:20; 1Ped. 5:10; Apo. 4:10; João 8:35, 12:34, 14:16; 2Cor. 9:9, 11:31; Gal. 1:5; Ef. 3:11; 2Tm. 4:18; Heb. 7:24,28, 13:8,21; 1Ped. 1:25; 2Pet. 3:18; 2João 2; Judas 25; Apo. 1:18, 4:9,10, 5:13, 10:6, 22:5.

6.9 VIDA ETERNA.

É aplicado à vida, "Vida Eterna". Mas esta frase não denota tanto a duração, mas a qualidade da Vida Abençoada. Parece ter o sentido de durável nestas passagens: Mat. 19:16,29, 25:46; Marcos 10:17,30; Lucas 10:25, 16:9, 18:18,30; João 3:15,16,36, 4:14,36, 5:24,39, 6:27,40,47,54,68, 10:28, 12:25,50, 17:2,3; Rom. 2:7, 5:21, 6:22,23, Gal. 6:8; 2Tess. 2:16; Eu Tim. 1:16, 6:12; Tito 1:2, 3:7; Heb. 5:9; 1João 1:2, 2:25, 3:15, 5:11,13,20; Judas 21; Marcos 10:30; Lucas

18:30; João 4:14, 6:51,58, 8:51,52, 10:28, 11:26. Veja este assunto tratado adiante.

6.10 PASSAGENS QUE INDICAM DURAÇÃO LIMITADA.

Vamos declarar mais definitivamente várias passagens nas quais todos concordarão que a palavra não pode ter o sentido de infinito. Mat. 13:22, “Os cuidados deste mundo (aiônos, αιωνος) e a sedução das riquezas sufocam a palavra”, os cuidados daquela era ou “tempo”. Versos 39, 40, 49, “A colheita é o fim do mundo” (συντελεια του αιωνος), ou seja, era, era judaica, a mesma ensinada em Mat. 24, que alguns que ouviram Jesus falar deveriam viver para ver, e viram. Lucas 1:33, “E ele (Jesus) reinará para sempre sobre a casa de Jacó, e o seu reino não haverá fim”. O significado é que ele reinará para sempre (*eis tous aionas*). Essa longa e indefinida duração aqui se refere, mas limitada, é evidente em 1Cor. 15:28, “E, quando todas as coisas lhe estiverem sujeitas, então também o

próprio Filho se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitou, para que Deus possa ser tudo em tudo (ou todos).” Seu reinado é para sempre, isto é, pelos séculos, mas cessará. Lucas 1:55, “Como ele falou a nossos pais, a Abraão e à sua descendência para sempre, (até uma era, aiônos.) Lucas 1:70. “Como ele falou pela boca dos seus santos profetas, desde o princípio do mundo”, ou “desde uma era” (ton ap aiônos, των απ αιωνος). “Antigamente”, seria a construção simples. Lucas 16:8, “Pois os filhos deste mundo são mais sábios em sua geração do que os filhos da luz.” Ou seja, as pessoas daquela época eram mais prudentes na administração de seus negócios do que os cristãos daquela época em seus planos. João 9:32, “Desde o princípio do mundo, nunca se ouviu que alguém tivesse aberto os olhos a um cego de nascença.” Desde a idade, (ek tou aiônos) ou seja, desde o início do nosso conhecimento e história. Romanos 16:25, “Desde que o mundo começou”, mostra claramente uma duração menor que a eternidade, visto que o mistério que era secreto desde o

início do mundo foi então revelado. O mistério era aiônion mas não durou eternamente. Foi “agora manifestado” “a todas as nações”. Fil. 4:20. “Ora, a Deus e nosso Pai seja dada glória para todo o sempre”, pelos séculos dos séculos (eis tous aiônas ton aiônon). (Gálatas 1:5 o mesmo.) “Pela eternidade de eternidades”, é uma expressão absurda. Mas eras de eras é uma sentença compreensível. O significado pode ser eternidade nesta passagem, mas se a palavra aiôn expressasse a ideia, tal reduplicação seria fraca e imprópria. 1Tim. 6:17, "Encarrega os que são ricos neste mundo." (era, idade ou tempo). 1Tim. 1:17. “Ora, ao Rei eterno (dos séculos) seja a glória pelos séculos dos séculos.” O que é isso senão uma atribuição de os séculos ao Deus dos séculos? A eternidade só pode ser entendida aqui como eras empilhadas em eras implicam longa e possivelmente duração infinita. “Todas as eras são de Deus; que os séculos o glorifiquem”, é o significado completo das palavras. Traduza as palavras eternidade e que

absurdo. “Ora, ao Deus das eternidades (!) Seja glória pelas eternidades das eternidades (!!) Heb. 1:8, “A era da era.” Ef. 2:7. “Para que nos séculos vindouros (aiôns, αιωσιν Subst. Dativo Plural) ele possa mostrar as abundantes riquezas de sua graça.” Aqui pelo menos dois aiôns, eternidades estão por vir. Certamente um deles deve terminar antes que o outro comece. Ef. 3:21, “As gerações dos séculos dos séculos.” 2Tim. 4:18, “A era das eras.” A mesma forma de expressão está em Heb. 13:21; 1Ped. 4:11; Apo. 1:6, 4:9, 5:13, 7:12, 14:11, 15:7, 20:10. Quando lemos que a fumaça de seu tormento sobe “eis aiônas aiônon”, por eras de eras, temos a ideia de duração longa, indefinida, mas limitada, pois como uma era é limitada, qualquer número, por maior que seja, deve ser limitado (finito). No momento em que dizemos que a fumaça de seu tormento sobe por eternidades de eternidades, transformamos a retórica sagrada em jargão. Há apenas uma eternidade, portanto, como lemos sobre mais de um aiôn, segue-se que aiôn não pode

significar eternidade. De novo, 1Cor. 10:11, “Nossa admoestação, sobre quem chegaram os FIM dos aiôns (eras, “ta tele ton aiônon”).” Ou seja, o fim do mosaico e o início da era do evangelho. Quão absurdo seria dizer “fins das eternidades!” Aqui o apóstolo passou por mais de um e entrou, consequentemente, em pelo menos um terceiro aiôn. Heb. 9:26, “Agora, no fim dos tempos.” Mat. 18:39,40, 24:4, “A conclusão da era.” A eternidade não tem fim. E dizer fins das eternidades é falar bobagem (contradição). 2Tm. 1:9, “antes dos tempos dos séculos;” (προ χρονων αιωνιων (plural)) isto é, antes dos tempos de aiônion começassem. Eternidade não teve começo, portanto o adjetivo aiônion aqui não tem o significado de eterno. O fato de se dizer que aiôn termina e começa é uma demonstração de que não significa eternidade.

6.11 ABSURDIDADE DAS VISÕES POPULARES.

Traduza a palavra “aiôn” com “eternidade” e veja quão absurda a fraseologia da Bíblia se torna! Apresenta a Bíblia como dizendo: “A quem seja a glória durante as ETERNIDADES (αιωνας, Plural acusativo), das ETERNIDADES. (αιωνων, Plural genitivo)” (Gal. 1:5). “Ora, todas essas coisas aconteceram a eles como exemplos e foram escritas para nossa advertência, para quem já chegou o fim DAS ETERNIDADES.” (1Cor. 10:11). “Para que nas ETERNIDADES vindouras ele possa mostrar as abundantes riquezas de sua graça.” (Ef. 2:7). “O mistério que foi escondido das ETERNIDADES e das gerações.” (Col. 1:26). “Mas agora uma vez no final das eternidades, ele apareceu para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo”. (Heb. 9:26). “A colheita é o fim da eternidade.” (Mat. 13:39). “Assim será no fim desta eternidade.” (Mat. 13:40). “Diga-nos quando estas coisas são, e qual o sinal da tua vinda, e do fim da eternidade.” (Mat. 24:4). Mas substitua por “era” ou “eras” e o sentido das Escrituras é preservado.

6.12 ADQUIRE VÁRIOS SIGNIFICADOS.

Isso é visto em muitas passagens. Lucas 20:34, 35. “Os filhos deste mundo casam-se e dão-se em casamento; mas aqueles que serão considerados dignos de obter “aquele mundo”, são iguais aos anjos”, etc. Aqui “aquele mundo” (*tou aiônos ekeinou*) denota o mundo eterno, não porque a palavra aiôn intrinsecamente significa isso, mas porque o estado de ressurreição é o tema do discurso. As palavras significam literalmente aquela era ou época, mas neste caso o mundo imortal é o assunto que define a palavra e lhe dá um significado único. Portanto, quando a palavra se refere a Deus, denota uma duração diferente da que se aplica à dispensação judaica. Que em alguns dos lugares referidos a palavra discutida tem o sentido de infinito, não questionamos, mas em todos esses casos, deriva esse significado do assunto conectado a ela. (51) Indiquemos seu uso variado. Mat. 6: 13 é provavelmente espúria: (52) “Tua é a glória para sempre”, isto é, através dos tempos. Aqui a eternidade pode estar

implícita, mas a frase “para sempre” significa literalmente “pelos séculos”. Marcos 4:19, o mesmo que Mat. 1:22. Marcos 10:30. “Mas ele receberá cem vezes mais agora neste tempo, casas, e irmãos e irmãs e mães e filhos e terras com perseguições; e no mundo vindouro a *vida eterna*. Literalmente, na era por vir, a *vida daquela era*”, ou seja, vida evangélica espiritual, cristã, bem-aventurada. Mostramos que o mundo vindouro denota a dispensação cristã. Marcos 11:14. “Nunca mais alguém coma fruto de ti, *para sempre*.”, isto é “na era”, significando *o período da existência da árvore*. João 12:34. “O povo respondeu-lhe: Ouvimos da lei que Cristo permanece para sempre;” (para a era). Os judeus acreditavam que sua dispensação continuaria, e o Messias permaneceria enquanto ela durasse. Esta linguagem significa que Cristo deveria permanecer durante a era mosaica (que não terminaria). Assim pensavam os judeus. João 13:8. “Nunca (εις τον αιωνα) me lavarás os pés” é equivalente a “Não me lavarás os pés.” João 14:16. “E eu rogarei

ao Pai e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre”, *eis ton aiôna*, “para sempre”, isto é, acompanhá-los na vinda. “até a era”, isto é, acompanhá-los na era vindoura ou cristã. João 6:51,58: “Se alguém comer deste pão, viverá para sempre;” *eis ton aiôna*, na era, ou seja, desfrutar da vida do mundo que há de vir, a vida cristã. Sua duração não é descrita aqui. João 8:35. “E o servo não fica para sempre na casa; (para a eternidade), mas o Filho permanece para sempre.”- Os judeus são informados aqui de que sua religião deve ser substituída apenas pelo Cristo. Eles devem deixar a casa porque são escravos do pecado, enquanto o Filho permanecerá para sempre - permanentemente. João 8:51,52. “Em verdade, em verdade vos digo que, se alguém guardar a minha palavra, nunca verá a morte. Disseram-lhe, então, os judeus: Agora sabemos que tens demônio. Abraão está morto, e os profetas; e tu dizes: Se alguém guardar a minha palavra, nunca provará a morte. A morte moral e espiritual é impossível para um homem enquanto ele guarda a palavra

de Cristo, é o pleno significado destas palavras. (n.t. ver João 5:24 e 1João 3:14)

6.13 OCORRÊNCIA DO ADJETIVO.

O adjetivo aiônios é (incorretamente) dito pelo professor Stuart (53) ocorrer sessenta e seis vezes no Novo Testamento, embora eu diga setenta e duas vezes. Destas, cinquenta e sete são usados em relação à felicidade dos justos; três em relação a Deus ou sua glória; quatro são de natureza diversa; e sete referem-se ao tema da punição. Ora, esses cinqüenta e sete denotam duração indefinida, sendo a "vida eterna" uma vida que pode ou não — certamente nem sempre — durar para sempre. Assim, a grande preponderância de uso no Novo Testamento é a duração indefinida. Mas mesmo se a preponderância fosse contra esse uso, deveríamos, para justificar o caráter de Deus, entendê-lo no sentido de limitado ao descrever o castigo de um pai a seus filhos.

6.14 APLICADO À PUNIÇÃO.

Quantas vezes a palavra em todas as suas formas descreve punição? Apenas quatorze vezes em treze passagens em todo o Novo Testamento, e estas foram proferidas apenas em dez ocasiões. O Substantivo, Mat. 12:32, Marcos 3:29, 2 Ped. 2:17, Judas 13, Rev. 14:11, 19:3, 20:10. O adjetivo, Mat. 18:8, 25:41, 46, Marcos 3:29, 2Tess. 1:9, Judas 7, Heb. 6:2.

Agora, se os castigos de Deus são limitados, podemos entender como essa palavra deve ser usada apenas quatorze vezes para defini-los. Mas se eles são infinitos, como podemos explicar o emprego dessa palavra equívoca apenas catorze vezes em todo o Novo Testamento? Uma doutrina que, se verdadeira, deveria ocupar cada frase, franzir a testa em cada linha, apenas quatorze vezes, e isso, também, por uma palavra cujo significado uniforme em todos os outros lugares é de duração limitada! A ideia é absurda. Tal reticência

é incrível. Se a palavra denota duração limitada, as punições ameaçadas no Novo Testamento são como aquelas que a experiência ensina após a transgressão. Mas se significa infinito, como podemos explicar o fato de que nem Lucas nem João registram uma instância sequer de seu uso pelo Salvador, e Mateus só quatro, e Marcos apenas dois, e Paulo a emprega apenas duas vezes em seu ministério, enquanto João e Tiago em suas epístolas nunca fazem alusão a isso? Tal silêncio é uma refutação irrespondível de todas as tentativas de impingir o significado de infinito na palavra. "Fogo eterno" ocorre apenas três vezes, "castigo eterno" apenas uma vez e "condenação eterna" apenas uma vez. Alguém ousará supor que o Novo Testamento revela tormento sem fim, e que de cento e noventa e nove ocorrências da palavra *aiôn* é aplicada à punição tão raramente, e que tão muitos daqueles que escreveram o Novo Testamento nunca usaram a palavra? Não. O uso no Novo Testamento concorda com o significado nos clássicos gregos e no Antigo Testamento. Não

parece impossível que Deus tenha ocultado esta doutrina por milhares de anos, e que por quarenta séculos de revelação ele continuamente empregou “aiôn” para ensinar duração limitada, palavra que ele finalmente estendeu para o significado de duração infinita? A palavra significa duração limitada em todo o Antigo Testamento; nunca teve o significado de duração infinita entre aqueles que falavam o idioma (como demonstramos), mas Jesus anunciou a doutrina da punição sem fim e selecionou como palavra grega para transmitir seu significado a mesma palavra que nos clássicos e na Septuaginta nunca continha tal pensamento, quando havia várias palavras na copiosa língua grega que transmitiam inequivocamente a ideia de duração interminável! Mesmo que Mateus tenha escrito em hebraico ou siro-caldaico, ele deu uma versão grega de seu evangelho, e nisso rejeitou toda palavra que carrega o significado de infinito, e se apropriou daquela que não ensinava nada desse tipo. Se este fosse o erro de um tradutor incompetente, ou o registro

imperfeito de um escriba imprudente, poderíamos entender, mas dizer que a pena inspirada do evangelista deliberadamente ou descuidadamente comprometeu o bem-estar imortal de incontáveis milhões, empregando uma palavra para ensinar a doutrina do infortúnio infinito que até aquela hora ensinou apenas duração limitada, é fazer uma declaração que carrega sua própria refutação.

6.15 O PRINCIPAL TEXTO DE PROVA

Chegamos agora à âncora da grande heresia da igreja parcialista, de um erro envelhecido pela antiguidade e ainda não totalmente abandonado. Mat. 25:46, é o grande texto-prova da doutrina da punição sem fim: "Estes irão para o castigo eterno, e os justos para a vida eterna". Devemos nos esforçar para estabelecer os seguintes pontos contra a visão errônea desta Escritura. 1. A punição não é por incredulidade, mas por não beneficiar os necessitados. 2. O uso antecedente geral

da palavra que denota duração aqui, nos Clássicos e no Antigo Testamento, prova que a duração é limitada. 3. Sendo um objetivo da punição melhorar o punido, a punição aqui deve ser limitada; 4. Os eventos aqui descritos ocorreram neste mundo e devem, portanto, ter duração limitada. 5. A palavra grega kolasin (κολασιν [G2851]), traduzida como punição, deve ser traduzida como castigo, pois reforma está implícita em seu significado.

6.16 A PUNIÇÃO AIONIANA É PARA OBRAS MÁS.

A benevolência prática é a virtude cuja recompensa é aqui anunciada, e a crueldade é o vício cujo castigo é aqui ameaçado, e não a fé e a descrença, nas quais o céu e o inferno são popularmente pregados. Mat. 25:34-45. “Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo; Porque tive fome, e

destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era peregrino e acolhestes-me; nu, e vestistes-me; eu estava doente, e visitaste-me: estive na prisão, e fostes ter comigo. Então os justos lhe responderão, dizendo: Senhor, quando te vimos com fome e te demos de comer? ou com sede, e te demos de beber? Quando te vimos como estrangeiro e te acolhemos? ou nu, e te vestimos? Ou quando te vimos enfermo ou na prisão e fomos ver-te? E, respondendo o Rei, lhes dirá: Em verdade vos digo que, sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes. Então dirá aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos: Porque tive fome, e não me destes de comer; tive sede, e não me destes de beber; era estrangeiro, e não me acolhestes; nu, e não me vestistes: doente, e na prisão, e vocês não me visitaram. Então também eles lhe responderão, dizendo: Senhor, quando te vimos com fome, ou com sede, ou forasteiro, ou nu, ou enfermo, ou na

prisão, e não te servimos? Então ele lhes responderá, dizendo: Em verdade vos digo que, se não o fizestes a um destes pequeninos, não o fizestes a mim.

Se a crueldade para com os pobres – inclusive a negligência deles – constitui a rejeição de Cristo – como é claramente ensinado aqui - e todos os que são culpados devem sofrer tormento sem fim "quem então pode ser salvo?" a simples conclusão é que obras, e não a fé, é aqui o teste do discipulado, e ela corta o fundamento da visão popular deste texto.

6.17 A PALAVRA AIÔNION DENOTA DURAÇÃO LIMITADA.

Isso aparece no uso clássico e do Antigo Testamento. É impossível que Jesus tenha usado a palavra traduzida como eterno em um sentido diferente do que temos mostrado ter sido seu significado na literatura antecedente.

6.18 AS PUNIÇÕES DE DEUS SÃO REMEDIÁRIAS.

Todos os castigos de Deus são de um Pai e, portanto, devem ser adaptados ao aperfeiçoamento de seus filhos. Heb. 12: 5, "Meu filho, não desprezes a correção do Senhor, nem desmaies quando fores repreendido por ele: porque o Senhor corrige a quem ama e açoita a todo filho a quem recebe. Se suportais a correção, Deus vos trata como a filhos; porque qual é o filho a quem o pai não corrige? Além disso, tivemos pais carnais que nos corrigiram e nós os reverenciamos. Não devemos muito mais estar em sujeição ao Pai dos espíritos e viver? Pois eles, em verdade, por alguns dias nos castigaram segundo seu próprio interesse; mas ele para nosso benefício, para que possamos ser participantes de sua santidade. Agora, nenhuma correção no presente parece ser alegre, mas dolorosa; no entanto, depois produz o fruto pacífico de justiça para aqueles que são exercitados por ela." Prov. 3:11,12. "Meu filho, não desprezes a pressa do Senhor; nem te canses de sua

correção: pois o Senhor corrige a quem ama; assim como um pai o filho em quem ele se deleita. Lam. 3:31,33. “Pois o Senhor não rejeitará para sempre; suas misericórdias. Pois ele não aflige de bom grado, nem entristece os filhos dos homens”.

Veja também Jó 5, 25; Lev. 26; Salmos 129:67, 71, 75; Jeremias 2:19.

6.19 ESTES EVENTOS JÁ OCORRERAM.

Os eventos aqui descritos aconteceram neste mundo trinta anos depois do tempo em que Jesus falou. Eles agora são passados. Em Mat. 24:4, os discípulos perguntaram ao nosso Senhor quando terminaria a *era* então existente. A palavra (aiôn) infelizmente é traduzida mundo. Se ele quisesse dizer mundo, teria empregado *kosmos,* que significa mundo, o que aiôn não significa. Depois de descrever os detalhes, ele anunciou que tudo seria cumprido, e o aiôn terminaria naquela geração, antes que alguns de seus

ouvintes morressem. Se ele estivesse correto, o fim chegaria então. E isso é demonstrado por um estudo cuidadoso de todo o discurso, passando por Mateus 24 e 25. Os discípulos perguntaram a Jesus como saberiam de sua vinda e do fim dos tempos . Eles não perguntaram sobre o
fim do mundo real, pois é traduzido incorretamente, mas sobre a era. A esta pergunta Jesus respondeu descrevendo os sinais para que eles, seus questionadores, os próprios discípulos, percebessem a aproximação do fim da dispensação judaica (aiôn). Ele fala quinze vezes no discurso de sua vinda rápida (Mat. 24:3, 27, 30, 37, 39, 42, 46, 48, 50 e 25:6, 10, 13, 19, 27, 31) . Ele se dirige àqueles que estarão vivos em sua vinda. Mat. 24:6. "Vocês ouvirão falar de guerras, etc." 20. "Ore para que sua fuga não aconteça no inverno." 33, 34. "Assim também quando verão todas estas coisas, saberão que está próximo, mesmo às portas. Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que todas estas coisas aconteçam". Campbell, Clarke, Wakefield e Newton(54) traduzem a frase fim do mundo (*sunteleia*

tou aiônos) “conclusão dos tempos”, “fim desta dispensação”. A questão era, então, o que deve indicar a tua segunda vinda e o fim da economia mosaica (aiôn)? “Quando todas essas coisas serão cumpridas?” Marcos 13: 1, 34. Ele falou do templo (Lucas 21:5,7), dizendo que não será deixada pedra sobre pedra, e a pergunta de seus discípulos foi: como saberemos quando isso acontecerá? A resposta é: “Vocês ouvirão falar de guerras”. 24:6. “Vereis a abominação da desolação.” 24:15. “Ore para que sua fuga não seja no inverno. 24:20. Os advérbios “Então” e “Quando” conectam todos os eventos relacionados nos dois capítulos em uma série ininterrupta. E que sinal infalível ele deu de que esses eventos ocorreriam “então”? Mat. 24:34. “Na verdade eu vos digo que não passará esta geração sem que todas estas coisas se cumpram”. Que coisas? O “filho do homem vindo em sua glória nas nuvens”, e o fim o aiôn existente, ou era. Marcos expressa isso assim: “Esta geração não passará até que todas essas coisas sejam feitas. Ver Lucas 21:25, 32. Todo esse relato é uma

parábola que descreve o fim do aiôn, era ou economia judaica, assinalado pela destruição de Jerusalém, e o estabelecimento do novo aiôn, mundo ou era futura, que é a dispensação cristã. Agora, na autoridade do próprio Jesus, o aiôn então existente terminou dentro de uma geração, ou seja, por volta de 70 d.C.. Portanto, aqueles que foram enviados para o castigo de aiônion, ou o castigo desse aiôn, foram enviados para uma condição correspondente em duração ao significado da palavra aiôn, ou seja, duradouro. Uma punição não pode ser infinita, quando definida por um adjetivo derivado de um substantivo que descreve um evento, cujo fim é claramente declarado ter chegado.

6.20 A PALAVRA TRADUZIDA PUNIÇÃO SIGNIFICA MELHORIA.

A palavra é Kolasin (nomin.: κολασις, acusat.:κολασιν). É assim definida por autoridades: Greenfield, "castigo, punição". Hedericus, "O corte dos galhos

luzuriantes de uma árvore ou videira para melhorá-la e torná-la frutífera.” Donnegan, “O ato de cortar ou podar – restrição, restringir, repreensão, verificação, castigo.” Grotius, “O tipo de punição que tende a melhorar o criminoso, é o que os filósofos gregos chamavam de *kolasis* ou castigo”. Liddell, “Poda, checagem, punição, castigo, correção”. Max Muller, “Queremos saber o que era mais importante nas mentes daqueles que formaram a palavra para punição, o latim pæna ou punio, punir, a raiz pu em sânscrito, que significa limpar, purificar, nos diz que a derivação latina foi originalmente formada, não para expressar mero golpe ou tortura, mas limpeza, correção, libertação da mancha do pecado. Que tinha esse significado no uso grego, citamos Platão: (55) “Para os males naturais ou acidentais dos outros, ninguém fica com raiva, ou admoesta, ou ensina ou pune (kolazei), antes temos pena daqueles afligidos por tais infortúnios. Pois se, ó Sócrates, você considerar qual é o objetivo de punir (kolazein) os ímpios, isso por si só

mostrará a você que os homens pensam que a virtude é algo que pode ser adquirida; pois ninguém pune (kolazei) o ímpio, olhando apenas para o passado, simplesmente pelo mal que cometeu, isto é, ninguém que não age COMO UM ANIMAL SELVAGEM, desejando apenas vingança, sem pensar – aquele que procura punir (kolazein) com razão, não pune por causa da ação errada do passado, mas por causa do futuro, para que nem o próprio homem que é punido volte a cometer erros, nem qualquer outro que o tenha visto sendo castigado. E aquele que entretém esse pensamento deve acreditar que a virtude pode ser ensinada, e ele pune (kolazei) com o propósito de dissuadir da maldade." Como muitas outras palavras, isso nem sempre é usado em seu sentido exato e completo. Os apócrifos o empregam como sinônimo de sofrimento, independentemente da reforma do malfeitor. Ver Sabedoria 3:11, 16:1; 1 Macabeus 7:7. Veja também Josefo. (56) É encontrado apenas quatro vezes no Novo Testamento. Atos 4:21, os judeus deixaram João e Pedro irem, "não

achando mais como poderiam puni-los" (kolazo). Eles não pretendiam reformá-los? O castigo deles não fora para fazê-los retornar ao rebanho judeu? Do ponto de vista deles, a palavra certamente foi usada para transmitir a ideia de reforma. 1João 4:18. "porque o temor tem a pena" (οτι ο φοβος κολασιν εχει) Aqui a palavra "pena" deveria ser traduzida com *restrição.* É assim traduzido na Diaglota Enfática. A ideia é que, se temos amor perfeito, não tememos a Deus, mas se tememos, somos impedidos de amá-lo. "O medo é *contido.*" A palavra é usada aqui com apenas um de seus significados. Em 2Pedro 2:9, o apóstolo usa a palavra como nosso Senhor fez: os injustos são reservados para o dia do julgamento para serem punidos (kolazomenous, κολαζομενους). Isso está de acordo exatamente com a lexicografia do palavra, e o uso geral na Bíblia e na literatura grega concorda com o significado dado pelos lexicógrafos. Agora, embora a palavra traduzida como punição seja às vezes usada para significar sofrimento sozinha, por Josefus e outros, certamente Divino a inspiração o usará em

seu sentido exato. Devemos, portanto, estar certos de que no Novo Testamento, quando usado por Jesus para designar o castigo divino, geralmente é usado com seu significado pleno. Os lexicógrafos e Platão, acima, nos mostram o que é isso, sofrimento, contenção, seguido de correção, aperfeiçoamento. Deste significado da palavra, o tormento não está de forma alguma excluído. Deus realmente atormenta seus filhos quando eles se desviam. Ele é um "fogo consumidor" e arde com terrível severidade contra nós quando pecamos, mas não é porque ele odeia, mas porque nos ama. Ele é o fogo do refinador atormentando o ouro imortal da humanidade no cadinho da punição, até que a escória do pecado seja expurgada. Mal. 2:2,3, "Mas quem suportará o dia da sua vinda? e quem permanecerá quando ele aparecer? pois ele é como o fogo do fundidor e como o sabão do lavandeiro. E assentar-se-á como fundidor e purificador de prata; e purificará os filhos de Levi, e os purificará como ouro ou como prata, para que ofereçam ao Senhor uma oferta

em justiça." Portanto kolasis é apenas a palavra para descrever suas punições. Elas fazem pela alma o que a poda faz pela árvore, o que o cadinho do refinador faz pelo minério de prata.

Mesmo que *aiônion* e *kolasis* fossem ambos de significado duvidoso, e estivéssemos apenas incertos quanto ao seu significado, deveríamos dar a Deus o benefício da dúvida e entender a palavra de forma a honrá-lo, isto é, em um sentido limitado, mas quando quase o uso universal atribui a aiônion duração limitada, e a palavra kolasin é declarada por todas as autoridades como significando *poda, disciplina*, é surpreendente que um professor cristão seja encontrado a imaginar que quando ambas as palavras estão juntas, elas podem significar qualquer outra coisa além do fim da punição temporária na reforma, especialmente em um discurso em que é expressamente declarado que o cumprimento completo ocorreu nesta vida e dentro de uma geração do tempo em que a predição foi proferida.

Portanto, (1) o cumprimento da linguagem nesta vida (no máximo 70 d.C.), (2) o significado de , (3) e o significado de *kolasis,* demonstram que a pena ameaçada em Mat. 25:46, é limitada. É um cordão de três dobras que a habilidade humana não pode romper. O Prof. Tayler Lewis traduz assim Mat. 25:46. "Estes irão para o castigo (a restrição, prisão) do mundo vindouro, e aqueles para a vida do mundo vindouro." E ele diz "isso é tudo o que podemos etimologicamente ou exegeticamente fazer da palavra nesta passagem".

Daí, também, que o *zoen aiônion* (vida eterna) não é infinito, mas é uma condição resultante de um bom carácter. A intenção da frase não é ensinar felicidade imortal, nem *kolasin aiônion* indica punição sem fim. Ambas as frases, independentemente da duração, referem-se aos resultados limitados que prejudicam ou abençoam os outros, estendendo-se possivelmente através do reinado do Messias até "o fim" (1Coríntios 15). Ambos descrevem as consequências da conduta que acontecerá

antes do estado imortal.

6.21 UMA OBJEÇÃO COMUM.

"Então a vida eterna não é infinita, pois o mesmo adjetivo grego qualifica vida e punição." Não é assim, pois a palavra é usada em grego em diferentes sentidos na mesma frase; como Hab. 3:6. "Parou, e mediu a terra: olhou, e fez sair as nações: e os montes perpétuos foram esmiuçados; os outeiros eternos se encurvaram, porque o andar eterno é seu" Suponha que apliquemos o argumento popular aqui. As montanhas e Deus devem ter a mesma duração, pois a mesma palavra é aplicada a ambos. Ambos são temporais ou ambos são infinitos. Mas as montanhas são expressamente declaradas como temporais - elas "foram esmiuçadas" – portanto Deus não é eterno. Ou Deus é eterno e, portanto, as montanhas devem ser. Mas elas não podem ser, pois foram esmiuçadas. O argumento não se sustenta. As montanhas de aiônion estão todas para serem destruídas. Portanto, a palavra

pode denotar tanto duração limitada e duração ilimitada na mesma passagem, os diferentes significados a serem determinados pelo assunto tratado.

(N. do T.) Também pode-se entender Mat 25:46 como não informando a duração infinita da vida aioniana. Pode ser eterna, sem fim, mas este versículo não esta tratando disso, está apenas informando o destino dos justos na próxima era.

Mas pode-se dizer que esta frase "eterna" ou "vida eterna" geralmente não denota existência sem fim, mas a vida do evangelho, a vida espiritual, a vida cristã, independentemente de sua duração. Em mais de cinquenta das setenta e duas vezes que o adjetivo ocorre no Novo Testamento, ele descreve a vida. O que é a vida eterna? Deixe as Escrituras responderem. João 3:36, "Aquele que crê no Filho tem a vida eterna." João 5:24, "Aquele que crê naquele que me enviou tem a vida eterna, e não entrará em condenação, mas PASSOU da morte para a vida." João 6:47, "Quem crê em mim tem

a vida eterna.” Assim, o versículo 54. João 17:3, “ESTA É A VIDA ETERNA, conhecer a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.” A vida eterna é a vida do evangelho. Sua duração depende da fidelidade do possuidor. Não é menos aiônion a vida, se a abandonares um mês depois de a ter adquirido. Consiste em conhecer, amar e servir a Deus. É a vida cristã, independente de sua duração. Quantas vezes os bons caem em desgraça. Crendo, têm a vida aiônion, mas perdem-na por apostasia. Notoriamente não é, em milhares de casos, sem fim. A vida é de duração indefinida, de modo que o uso do adjetivo no Novo Testamento é totalmente a favor de dar a palavra o sentido de duração limitada. Portanto, Jesus não diz “aquele que crê gozará de felicidade sem fim”, mas “ele tem a vida eterna” e “passou da morte para a vida”.

Dificilmente precisa ser provado aqui que a vida *aiônon* pode ser adquirida e perdida. Heb. 6: 4, “Pois é impossível para aqueles que uma vez foram iluminados e provaram o dom celestial e foram feitos

participantes do Espírito Santo e têm provaram a boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro, se eles caírem, renová-los novamente para o arrependimento: visto que eles crucificam para si mesmos o Filho de Deus novamente e o expõem à ignomínia.” Uma vida que pode portanto, ser perdida não é intrinsecamente infinita. O fato de o adjetivo ser assim consistentemente usado para denotar duração indefinida aparecerá em várias ilustrações, algumas das quais já demos. 2Cor. 4:17, “Um peso eterno de glória mui excelente”, ou, como diz o original, “excedendo excessivamente um peso de glória aiônion”. Ora, eterno, infinito não pode ser ultrapassado, mas aiônion pode ser, portanto aiônion não é eterno. De novo, Apoc. 14:6, “O evangelho eterno”. O evangelho é uma boa notícia. Quando todos tiverem aprendido suas verdades, não será mais notícia. Não haverá tal coisa como o evangelho existente. A fé será fruto, a esperança perdida à vista, e o evangelho aiônion, como o pacto aiônion da dispensação mais antiga, será revogado, não destruído, mas

cumprido e extinto. Novamente, 2Ped. 1:11, “O reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo”. Este reino será dissolvido. Jesus deve entregar seu domínio. 1Cor. 15:24, “Então virá o fim, quando ele entregar o reino a Deus, o Pai”, etc. O reino eterno de Cristo terminará. A palavra pode significar infinito quando aplicada à vida, e não quando aplicada à punição, mesmo na mesma frase, embora pensemos que a duração não é considerada tanto quanto a intensidade da alegria ou da tristeza em ambos os casos.

6.22 PALAVRAS QUE ENSINAM DURAÇÃO INFINITA.

Mas a Bem-aventurada Vida não ficou dependente de uma palavra tão equívoca. A existência imortal e feliz da alma é ensinada no Novo Testamento, por meio de palavras que na Bíblia nunca são aplicadas a nada que seja de duração limitada. Elas são aplicados apenas a Deus e à existência feliz da alma. Essas

palavras são *akataluton,* imperecíveis; *amarantos* e *amarantinos,* que não desbotam; *aftarto,* imortal, incorruptível; e *atanásio,* imortalidade.

(N.do T.): 1) akatalutos G0179 ακαταλυτου Adj.-Genit.; 2) amarantinos G0262 αμαραντινον Adj.-Acusat.; amarantos G0263 αμαραντον Adj.-Acusat.; 3) aftharsia G0861 αφθαρσιαν Subs.-Acusat.; 4) athanasia G0110 αθανασιαν Subs.-Acusat. ;

Citemos algumas das passagens em que essas palavras ocorrem: Heb. 7:15,16, "E é ainda muito mais evidente: pois segundo a semelhança de Melquisedeque surge outro sacerdote, que é feito, não segundo a lei de um mandamento carnal, mas segundo o poder de uma vida infinita (*akatalutos,* imperecível)." 1Ped. 1:3,4, "Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua grande misericórdia, nos regenerou para uma viva esperança pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança incorruptível (aftharton) e imaculada, e que não se desvanece

(amaranton). 1Ped.5:4, “E quando o Sumo Pastor aparecer, recebereis um coroa de glória que não se desvanece (amarantinos). 1Tim. 1:17, “Agora ao Rei eterno, imortal, (aftharto,) invisível, o único deus sábio, seja honra e glória para todo o sempre, Amém.” Rom. 1:23, “E mudaram a glória do Deus incorruptível (αφθαρτου) em semelhança da imagem do homem corruptível (φθαρτου).” 1Cor. 9:25, “Agora eles fazem isso para obter uma coroa corruptível; mas nós somos incorruptíveis (αφθαρτου).” 1Cor. 15:51-54, “Eis que vos mostro um mistério; Nem todos dormiremos, mas seremos mudados, num momento, num abrir e fechar de olhos, ao som da última trombeta: porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, (αφθαρτοι, afthartoi,) e nós seremos transformados. Pois este corruptível deve se revestir de incorrupção (αφθαρσιαν, aftarsian) e este mortal deve se revestir de imortalidade (athanasian). Assim, quando este corruptível se revestir da incorrupção (aftharsian) e este mortal se revestir da imortalidade (athanasian), então se

cumprirá a palavra que está escrita: Tragada foi a morte pela vitória”. Rom. 2:7, “Para aqueles que, com paciência e perseverança em fazer o bem, buscam glória e honra e imortalidade, (aftarsia,) vida eterna”. 1Cor. 15:42, “Assim também é a ressurreição dos mortos. Semeia-se em corrupção, ressuscita em incorrupção (aftarsia)”. Veja também o versículo 50, 2Tim.1:10, “Quem trouxe vida e imortalidade (aftarsian) à luz, por meio do evangelho.” 1Tim. 6:16, “Quem só tem imortalidade (athanasian).”

Agora, as palavras acima são aplicadas a Deus e à felicidade da alma. São palavras que na Bíblia nunca são aplicados a punição ou a qualquer coisa perecível. Elas teriam sido ligadas ao castigo se a Bíblia pretendesse ensinar o castigo sem fim. E certamente mostram o erro daqueles que dizem que a palavra indefinida aiônion é a única palavra, ou a palavra mais forte na Bíblia declarativa da infinitude da vida além-túmulo. Um pouco mais de estudo do assunto impediria tais declarações imprudentes e mostraria que

a vida feliz e sem fim não depende em nada da palavra de estimação (aiôn) dos críticos parcialistas.

6.23 OPINIÕES DE THOMAS DE QUINCEY.

Será interessante apresentar aqui as opiniões de Thomas De Quincey, um dos mais precisos estudiosos da linguagem e dos mais profundos debatedor e pensador entre estudiosos ingleses. Ele expõe os fatos do caso com precisão quase perfeita: “Eu costumava ficar aborrecido e irritado com a falsa interpretação dada à palavra grega *aiôn,* e dada necessariamente, portanto, ao adjetivo grego aiônios como seu derivado imediato. Não foi tanto a falsidade dessa interpretação, mas a *estreiteza* dessa falsidade que me perturbou. . . . . Essa razão que dá a esta palavra aiônion aquilo que não tenho escrúpulos em chamar de importância terrível, é a mesma razão, e nenhuma outra, que motivou a desonestidade envolvida na interpretação comum desta palavra. A palavra passou a se conectar

com a punição futura – mas isso não era uma preocupação prática minha, – eu não tinha tendenciosidade em uma direção, nem teria influenciado qualquer crítico justo na direção oposta – aconteceu se conectar com o antiga disputa sobre a duração da punição futura. O que significava os castigos aiônion do outro mundo? O sentido próprio da palavra era eterno ou não? . . . Esse argumento é assim – que a construção ordinária da palavra aiônion, como equivalente a eterno, não poderia ser abandonada, quando associado à miséria penal, porque nesse caso, e pelo mesmo ato, a ideia de eternidade deve ser abandonada como aplicável à felicidade do paraíso. Tormento e bem-aventurança, argumentava-se, punição e beatificação estavam no mesmo nível; era a mesma palavra, a palavra aiônion, que qualificava a duração dos dois; e se a eternidade, na acepção mais rigorosa, se afastou de uma ideia, deve igualmente se afastar da outra. Bem, seja assim (que a vida aioniana também não seja eterna). Mas isso não resolveria a questão. Pode ser muito

doloroso renunciar a uma expectativa longamente acalentada, mas a necessidade de fazê-lo não poderia ser recebida como razão suficiente para aderir ao antigo uso incondicional da palavra aiônion. O argumento é que devemos manter o antigo sentido de eterno, porque senão perderemos em uma escala o que ganhamos na outra. Mas e então? seria a réplica do homem razoável. Não devemos aceitar ou rejeitar uma nova construção (se de outra forma a mais colorida) da palavra aiônion, simplesmente porque as consequências podem parecer tais que, no geral, nos desagradem. Podemos não ganhar nada; pois, pela nova interpretação, nossa perda pode equilibrar nosso ganho e podemos preferir o antigo arranjo. Mas quão monstruoso é tudo isso! Não somos convocados para uma escolha de dois arranjos diferentes que podem agradar a gostos diferentes, mas para uma grave questão sobre qual é o sentido e o funcionamento da palavra *aiônion.* . . Enquanto isso, toda essa especulação, primeiro e último, é pura bobagem.

Aiônian não significa eterno, nem significa de duração limitada. Nem a inquietação de aiônian em seu antigo uso, aplicado ao castigo, ao tormento, à miséria etc., traz consigo qualquer perturbação necessária da ideia em sua aplicação às bem-aventuranças do Paraíso.

O que é um aiôn? A duração ou ciclo de existência que pertence a qualquer objeto, . . . não individualmente de si mesmo, mas universalmente, por direito de sua espécie. . . . O homem tem uma certa vida aioniana; possivelmente variando em algum ponto ao redor do período de setenta anos designado nos Salmos (Sal. 90:10). . "aiôn" do indivíduo Teluriano (da Terra); mas o "aiôn" da raça telúrica (da humanidade) provavelmente equivaleria a muitos milhões de nossos anos terrestres, e permaneceria um mistério insondável, não derivando nenhuma luz do "aiôn" septuagenário do indivíduo humano; embora entre os dois aiôns eu não tenha dúvidas de que algum elo secreto de conexão subsiste e deve subsistir, embora indetectável pela inteligência humana. . .

Só se pode descobrir, como tendência geral, que o aiôn, ou período genérico do mal, está constantemente em direção a uma duração fugidia. O aiôn, alega-se, deve sempre expressar a mesma ideia, seja ela qual for; se é menor que a eternidade para os maus casos, então deve ser menor para os bons. Sem dúvida, a ideia de um aiôn é, em certo sentido, sempre uniforme, sempre a mesma, – a saber, como um décimo () ou um décimo segundo (1/12) é sempre o mesmo. A aritmética não poderia existir se algum capricho ou variação afetasse suas ideias – um décimo (1/10) é sempre mais que um décimo primeiro (1/11), sempre menos que um nono (1/9). Mas essa uniformidade de razão e proporção não impede que um décimo possa representar um guinéu agora, e no momento seguinte representar mil guinéus. A quantidade exata da duração expressa por um *aiôn* depende totalmente do assunto particular que produz o *aiôn.* É, como eu disse, como uma raiz quadrada ou cúbica algébrica, embora regida pelas mais rigorosas leis de

limitação, deve variar em obediência à natureza do sujeito particular cuja raiz forma.” As conclusões de De Quincey são:

A. Aquele homem que se permite inferir a eternidade do mal a partir da eternidade do bem, baseia-se no erro de atribuir um valor estacionário e mecânico à ideia de um aiôn, enquanto o próprio propósito da Escritura em usar a palavra era fugir de tal valor. A palavra está sempre variando com o propósito de mantê-la fiel a uma identidade espiritual. O período ou a duração de cada objeto seria uma quantidade essencialmente variável, se não fosse misteriosamente compatível com a natureza interna desse objeto, conforme exposto aos olhos de Deus. E assim acontece que tudo no mundo possivelmente sem uma única exceção, tem seu próprio aiôn diferente; quantas entidades, tantos aiôns.

B. Mas se é um excesso de cegueira que pode ignorar as diferenças aiônicas até mesmo entre entidades neutras, muito mais profunda é aquela cegueira que

ignora as tendências separadas das coisas más e boas. Naturalmente, todo o mal é fugidio e aliado da morte.

C. Eu, separadamente, falando apenas por mim, acredito profundamente que as Escrituras atribuem a eternidade absoluta e metafísica a um único ser – a saber, Deus; e derivativamente a todos os outros de acordo com o interesse que eles possam pleitear a favor de Deus. Tendo ancoragem em Deus, inúmeras entidades podem possivelmente ser admitidas a uma participação no aiôn divino. Mas que interesse em favor de Deus pode pertencer à falsidade, à malignidade, à impureza? Investi-los de privilégios aiônicos (divino, infinito) é, com efeito, e pelos seus resultados, desconfiar e insultar a Divindade. O mal não seria mau se tivesse aquele poder de auto-subsistência que lhe é conferido ao supor que sua vida aiônica é co-eterna com aquela que coroa e glorifica o bem.”(57)

6.24 REV. E.H. SEARS.

Diz Edmund H. Sears: “A passagem tem sido frequentemente considerada como se a coisa principal a ser considerado fosse a duração da punição dos injustos, em comparação com a duração da vida dos justos, e uma vez que ambos são descritos pela mesma palavra, eles têm a mesma duração. Isso sem dúvida seria portanto, se a mera duração ou extensão do tempo fosse expressa, ou de alguma forma envolvida no contraste. Mas isso, como devo interpretar, não é o significado da palavra original. O elemento tempo, conforme medimos as coisas, não entra de forma alguma nisso. Não a duração, mas a qualidade [grifo do editor], é o principal envolvido nesta palavra traduzida como 'eterno'. . . A palavra *aiôn* e seus derivados, traduzidos como 'eterno' e 'infinito', descrevem uma economia completa em si mesma, e a duração deve depender da natureza da economia. . . . O Novo Testamento, se revela alguma coisa, revela o aiôn – a dispensação que está próxima a esta, e reúne nela os resultados

momentosos da nossa provação no tempo. Mas o que está além disso nos ciclos de uma eternidade vindoura, não acredito que tenha sido revelado ao anjo mais elevado. Pense nesse Além sem fim! Se cada átomo do globo fosse contado e cada átomo durasse um milhão de anos, ainda assim não teríamos chegado a uma concepção de duração infinita. E, no entanto, homens pecadores e falíveis afirmam que os seus companheiros pecadores serão entregues a agonias indescritíveis durante esses milhões de anos assim repetidos, e mesmo assim os relógios da eternidade apenas bateram a hora da manhã! que os infernos da angústia reprimida riscarão a eternidade com sangue em linhas paralelas para sempre ao ser de Deus! Se Gabriel viesse e nos dissesse que teríamos o direito de acreditar que a história do futuro infinito encerrada no seio de Deus não foi dada a Gabriel!

6.25 JESUS EMPREGOU A FRASEOLOGIA POPULAR?

Costuma-se observar que, de acordo com Josefo, os judeus nos tempos de nosso Salvador acreditavam em punição sem fim, Jesus deve ter ensinado a mesma doutrina, pois “ele empregou os termos que os judeus usavam”. Mas isso não é verdade, como mostramos. Cristo e seus apóstolos não empregaram a fraseologia que os judeus usavam para descrever esta doutrina. Como mostramos, Fílon usou *athanaton* e *ateleuteton* significando imortal e interminável. Ele diz, (59) zoe apothneskonta aeikai tropon tina thanaton *athanaton* upomeinon kai *ateleuteton,* “viver sempre morrendo e sofrer uma morte imortal e interminável”. Ele também emprega aidion, mas não aiônion. (60) Josefo diz: “Eles, os fariseus, acreditam que 'as almas dos maus recebem aidios eirgmos, prisão eterna, e são punidas com *adialeiptos* timoria, retribuição eterna.” Ao descrever a doutrina dos essênios, Josefo diz que eles acreditam que “as almas dos maus são

enviadas para uma caverna escura e tempestuosa, cheia de *adialeiptos* timoria, punição incessante". Mas a fraseologia de Jesus e dos apóstolos olethros aiônios (ολεθρον (acusat.) [G3639]) ou aiôniou kriseos (κρισις [G2920]) "castigo eterno" ou "condenação eterna". Os judeus contemporâneos de Jesus chamam a retribuição de aidios, ou adialeiptos timoria, enquanto o Salvador a chama de aiônios krisis, ou kolasis aiônios, e os apóstolos olethros aiônios, ruina na era (era futura geralmente); e puros aiônios, fogo na era (futura geralmente). Se Jesus e seus apóstolos tivessem usado os termos empregados pelos judeus a quem falaram, seríamos obrigados a admitir que eles ensinaram a doutrina popular (puniçao eterna). Veja este ponto mais elucidado no final deste volume sobre a palavra Aidios. "Viver sempre morrendo e sofrer uma morte sem fim" é a linguagem dos púlpitos "ortodoxos" e dos judeus gregos, mas nosso Salvador e seus apóstolos evitaram cuidadosamente tal horrível blasfêmia a ponto de acusar Deus de ser o autor de uma crueldade tão diabólica.

Diz um estudioso erudito:(61) “Aiônios é uma palavra de ocorrência escassa entre os antigos escritores clássicos gregos; nem é de forma alguma o termo comum empregado por eles para significar eterno. Pelo contrário, eles usam com muito mais frequência aidios, aeiôn (aei + ôn) ou algum modo de fala semelhante . . . Parece-me que os Setenta, ao escolherem “aiônios” para traduzir “olam”, testificam que não entendiam a palavra hebraica como significando “eterno”. Se o tivessem entendido assim, certamente o teriam traduzido por alguma palavra mais decisiva; algum termo que, como aidios, é mais comumente empregado em grego, para significar aquilo que não tem começo nem fim.”. Vamos agora aludir aos outros textos do Novo Testamento em que a palavra é aplicada à punição.

6.26 “PECADO QUE NUNCA SERÁ PERDOADO – DANAÇÃO ETERNA.”

Mat. 12:32. “Todo aquele que falar contra

o Espírito Santo, não lhe será perdoado, nem neste mundo, nem no vindouro.” Passagens paralelas: Marcos 3:29. “Mas aquele que blasfemar contra o Espírito Santo nunca (aiôna) terá perdão, mas corre o risco de condenação eterna (aiônion). Lucas 12:10. “E qualquer que disser uma palavra contra o Filho do homem, isso lhe será perdoado; mas ao que blasfemar contra o Espírito Santo não lhe será perdoado”. Literalmente, “nem nesta era nem na vindoura”, isto é, nem na era mosaica, nem na era ou dispensação cristã, mas, essas duas eras terminarão e, na dispensação da plenitude dos tempos, ou eras, todos serão redimidos (Efésios 1:10). Marcos 3:29 é o mesmo que Mateus. 12:32. O grego difere ligeiramente e é traduzido literalmente como “não tem perdão para a eternidade, mas está sujeito ao julgamento eterno”. O pensamento do Salvador é, que aqueles que atribuíssem suas boas ações a um espírito maligno seriam tão endurecidos que sua religião teria dificuldade em afetá-los. A danação sem fim não é abordada e não pode ser extraida da

linguagem.

(Mat 12:32b - ... ος δ αν ειπη κατα του πνευματος του αγιου ουκ αφεθησεται αυτω ουτε εν τουτω τω αιωνι ουτε εν τω μελλοντι)
(Marcos 3:29 - ος δ αν βλασφημηση εις το πνευμα το αγιον ουκ εχει αφεσιν εις τον αιωνα αλλ ενοχος εστιν αιωνιου κρισεως)

No Novo Testamento, o “fim dos tempos” e “eras” é uma expressão comum, referindo-se ao que já passou. Veja Colossenses 1:26, Heb. 9:26, Mat. 13:39, 40, 49, 24:3. Diz Locke (62) “A nação dos judeus era o reino e o povo de Deus enquanto a lei vigorava. E este reino de Deus, sob a constituição mosaica foi chamado *‘aiôn outos’*, ‘esta era’, ou como é comumente traduzido, ‘este mundo’. Mas o reino de Deus deveria estar sob o Messias, onde a economia e constituição da igreja judaica, e a própria nação, que em oposição a Cristo aderiu a ela, deveria ser deixada de lado, é chamada no Novo Testamento de *‘aiôn mellon’* , o mundo ou a ‘era vindoura’. Outro escritor (63)

acrescenta: “Por que os tempos da lei se chamavam *‘kronoi aiônioi’*, podemos encontrar razão nos seus jubileus, que eram *‘aiônes’*, ‘séculos’ ou ‘idades’, pelos quais todo o tempo da lei, foi medido; e assim *‘kronoi aiônioi’*; é usado, 2Tim. 1:9. Tit. 1:2. E assim ‘aiônes’ são colocados para os tempos da lei, ou os jubileus, Lucas 1:70, Atos 3:21, 1Cor. 2:7, 10:11, Efé. 3:9, Colossenses 1:26, Heb. 9:26. E assim Deus é chamado a rocha *aiônios,* (αιωνιος), Isa. 26:4, no mesmo sentido em que ele é chamado a rocha de Israel, Isa. 30:29, ou seja, a força e o apoio do estado judeu; pois é dos judeus que o profeta aqui fala. Então Êxodo. 21:6, *eis ton aiôna* significa não como traduzimos isto, “para sempre”, mas *“até o jubileu”*; que aparecerá se compararmos Lev. 25:39-41, e Êxo. 21:2.” Pearce (64) em seu comentário, diz “Pelo contrário, nem nesta era, nem na era por vir: isto é, nem nesta era em que a lei de Moisés subsiste, nem naquela também, quando o reino dos céus, que está às portas, deve sucedê-lo. O grego *aiôn* parece significar era aqui, como costuma acontecer no Novo

Testamento (ver Mat. 13:40; Mat. 24:3; Col. 1:26; Efé. 3:5, 21.) e de acordo com sua significação mais adequada. Se assim for, então *esta era* significa a judaica, a era em que sua lei subsistiu e estava em vigor; e *a era vindoura* (ver Heb. 6:5; Efé. 2:7.) significa a dispensação cristã.

Wakefield observa:(65) “Era, aiôni; isto é, a dispensação judaica que estava então em existência, ou a cristã, que iria acontecer”.

Clarke: (66) “Embora eu siga a tradução comum (Mateus 12:31,32.), ainda assim estou plenamente satisfeito com o significado das palavras, nem nesta dispensação, a saber, a judaica, nem naquela que está por vir, a cristã. *Olam ha-bo, o mundo vindouro,* é uma frase constante para os tempos do Messias, nos escritores judeus. Veja também Hammond, Rosenmuller, etc., (67). Tome Hebreus 9:26, como exemplo. “Pois então ele (Cristo) muitas vezes deve ter sofrido desde a fundação do mundo (kosmos, mundo literal), mas agora uma vez no fim

do “mundo” (aiônon, era) ele apareceu para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo. ”

(Nota)(Heb 9:26 - επει εδει αυτον πολλακις παθειν απο καταβολης κοσμου νυν δε απαξ επι συντελεια των αιωνων εις αθετησιν αμαρτιας δια της θυσιας αυτου πεφανερωται)

Que mundo estava em seu fim quando Cristo apareceu? Indubitavelmente a era judaica. O mundo ou era vindoura (aiôn) deve ser a dispensação cristã, como em 1Cor. 10:11, onde Paulo diz que sobre ele e seus contemporâneos “chegaram os fins do mundo”. Essas passagens declaram em linguagem forte a natureza hedionda do pecado mencionado. A era ou o mundo vindouro *não é ‘além da sepultura’*, mas é a dispensação cristã. Teve início há dezoito séculos e terminará quando Jesus entregar o reino a Deus, o Pai. (1 Coríntios 15).

6.27 FOGO ETERNO.

Mat. 18:8. “Portanto, se a tua mão ou o teu pé te fazem tropeçar, corta-os e lança-os de ti: é melhor para ti entrar na vida coxo ou mutilado, do que ter duas mãos ou dois pés e ser lançado no fogo eterno”(εις το πυρ το αιωνιον). Mat. 25:41 usa a mesma fraseologia. “O fogo eterno, preparado para o Diabo e seus anjos.”(εις το πυρ το αιωνιον) Também Judas 7. “Assim como Sodoma e Gomorra, e as cidades ao redor delas da mesma maneira, entregando-se à fornicação e indo após carne estranha, são apresentadas como exemplo, sofrendo a vingança do fogo eterno”(πυρος αιωνιου δικην).

É melhor entrar na vida cristã mutilado, ou seja, privado de alguma vantagem social comparável a um olho, pé ou mão, do que manter todas as vantagens mundanas e sofrer a penalidade de rejeitar a Cristo, tipificado pelo fogo, é o significado de Mat. 18:8; e Judas 7 ensina que Sodoma e Gomorra são um exemplo de fogo *eterno*. Mas esse fogo expirou. Que o fogo referido é não infinito é mostrado pelo uso do termo na Bíblia.

“Deus é um fogo consumidor” (Heb 12:29), mas é um *“fogo refinador”*. (Mal.3:2-3.) Ele consome o mal e refina da escória do erro e do pecado. Isso corrobora o significado que mostramos pertencer à palavra expressiva da duração do fogo.

(N.do T.) “Escória” é um termo da metalurgia e designa as impurezas que flutuam na prata ou ouro quando estes metais são fundidos. Flutuando são facilmente retiradas e o metal fica mais puro. (ver Sal.119:119; Pro.17:3; Pro.25:4; Pro.27:12; Isa.1:25; Zac.13:9;)

Mas qualquer que seja o propósito do fogo, ele não é infinito, é aiônico. Benson (68) diz bem: “O fogo que consumiu Sodoma, etc., pode ser chamado de eterno, pois queimou até consumi-los totalmente, além da possibilidade de serem habitadas ou reconstruídas. Mas a palavra teria um significado ainda mais enfática, se (como afirmam vários autores) aquele fogo continuasse a queimar um longo tempo."

6.28 DESTRUIÇÃO ETERNA.

2Tess.1:9. “Os quais serão punidos com a ‘destruição eterna’ da presença do Senhor e da glória do seu poder.” Destruição eterna, olethron aiônion (ολεθρον αιωνιον, G3639), não significa ruína sem remédio, mas longo banimento da presença de Deus. Isso é o que o pecado faz pela alma. Olethros não é aniquilação, mas *desolação*. É encontrado apenas quatro vezes no Novo Testamento. 1Tess. 5:3, 1Cor. 5:5, 1Tm. 6:9. A passagem em 1Cor.5:5 mostra-nos como é usado: “entregue o tal a Satanás para a destruição da carne, para que o espírito seja salvo no dia do Senhor Jesus”. A destruição aqui não é final – é condicional à salvação do espírito. A destruição eterna é equivalente à desolação prolongada.

6.29 ESCURIDÃO DAS TREVAS PARA SEMPRE.

2Ped.2:17.: “Estes são poços sem água, nuvens carregadas pela tempestade; para

quem a névoa da escuridão está reservada para sempre.”(εις αιωνα) Judas 13.: “Ondas furiosas do mar, espumando a sua própria vergonha; estrelas errantes, para quem está reservado o negrume das trevas para sempre.”(εις τον αιωνα) “A quem está sempre reservado o negrume das trevas”, seria uma paráfrase correta dessa linguagem. Referencem-se às árvores que não dão frutos, as nuvens que não dão água, as ondas espumantes, as estrelas que não dão luz. A *duração infinita* não foi pensada nem por Pedro nem por Judas. Duração indefinida, eras, é o significado máximo de *eis aiôna*, que é espúrio em 2Pedro 2:17, mas genuíno em Judas 13. O significado literal é, *por uma era*. A eternidade não pode ser extorquida da frase. (espúrio: o texto crítico não tem *aiônios* em 2Ped.2:17)

6.30 PARA TODO O SEMPRE.

Heb.6:2. “A doutrina do julgamento aioniano, (aiônion).” Nós não damos nenhuma explicação especial desta

passagem. Se o cristão é destinado ao julgamento dessa era ou da era por vir, não importa. "O julgamento da era" é toda a força da frase julgamento aiônion. Apo. 14:11. "E a fumaça do seu tormento sobe *para todo o sempre*; e não têm descanso nem de dia nem de noite os que adoram a besta e a sua imagem, e todo aquele que recebe a marca do seu nome." Apo.19:3. "E sua fumaça subiu para todo o sempre." Apo.20:10. "E o diabo que os enganava foi lançado no lago de fogo e enxofre, onde estão a besta e o falso profeta, e será atormentado dia e noite para todo o sempre."

Tentativas foram feitas para mostrar que essas expressões são reduplicações (repetições. Ex: *aiônas ton aiônon*), se nenhuma outra palavra transmitir a ideia de eternidade, a expressão, diz-se, transmite. O significado literal de *aiônas aiônon,* no primeiro texto acima, é *eras de eras,* e de *tous aiônas ton aiônon,* nos outros dois, é *as eras das eras.* É assim traduzido na Diaglota Enfática. É perfeitamente manifesto para a mente

mais comum que se uma era é limitada, nenhum múltiplo delas pode ser ilimitado. As eras das eras é uma expressão intensa de longa duração, e se a palavra aiôn deveria ser eternidade, “eternidades das eternidades” deveria ser a tradução, uma expressão absurda demais para exigir comentários. Se aiôn significa eternidade, qualquer número de reduplicações o enfraqueceria. Mas enquanto as eras das eras são apropriadas o suficiente, a eternidade das eternidades seria ridícula. Sobre esta fraseologia, Sir Isaac Newton (69) diz: “A ascensão da fumaça de qualquer coisa queimando para todo o sempre, é colocada para a continuação de um povo conquistado sob a miséria da sujeição perpétua e escravidão.” O pensamento de duração eterna não estava na mente de Jesus ou de seus apóstolos em nenhum desses textos, mas de longa duração, a ser determinada pelo assunto.

6.31 OS ESPÍRITOS NA PRISÃO.

Uma luz lateral esclarecedora é lançada

sobre este assunto por comentaristas em 1Ped.3:18-20, no qual se diz que Cristo "pregou aos espíritos em prisão". Alford diz que nosso Senhor "pregou a salvação de fato, aos espíritos desencarnados, etc." Tayler Lewis - (70) "Houve uma obra de Cristo no Hades, ele faz proclamação '*ekeruxen*' (εκηρυξεν, verbo kerusso κηρυξω) no Hades para aqueles que estão lá. Esta interpretação, que foi quase universalmente adotada pela igreja cristã primitiva, etc." Professor Huidekoper.(71) "No segundo e terceiro séculos cada ramo e divisão de cristãos acreditavam que Cristo pregava aos que partiram". Dietelmair (72) diz que esta doutrina *"in omni coetu Christiano creditum"*. Por que pregar a salvação para as almas cujo destino foi fixado para a eternidade? E como poderiam os cristãos acreditar nessa doutrina e ao mesmo tempo dar às palavras aionianas o significado de duração eterna?

6.32 AIÔN SIGNIFICA UM EON, ÆON ou ERA ou IDADE.

É uma pena que o substantivo (aiôn) nem sempre tenha sido traduzido pela palavra inglesa eon, ou æon, e o adjetivo por eonian ou aiônion; então toda confusão teria sido evitada. Webster's Unabridged, define eon como significando um espaço ou período de tempo, uma era, época, dispensação ou ciclo, etc. Ele, Webster também sugere a tradução como eternidade, mas ninguém teria entendido mal, se tivesse sido assim traduzido. Suponha que nossa tradução diga "Qual será o sinal da tua vinda e do fim do æon?" "A fumaça de seu tormento ascenderá por eons de eras." "Estes irão para o castigo aioniano, etc." A ideia de eternidade não seria encontrada no substantivo, nem de duração infinita no adjetivo, e o Novo Testamento seria lido como seus autores pretendiam. Que o leitor agora recorde o uso como o apresentamos e, em seguida, reflita que todas as formas da palavra são aplicadas à punição apenas catorze vezes em todo o

Novo Testamento e pergunte a si mesmo: é possível que uma doutrina tão importante como essa seja declarada apenas um número tão pequeno de vezes na divina revelação? Se tem o sentido de duração limitada, isso é consistente o suficiente, pois então será classificada com os outros termos que descrevem os julgamentos divinos. O fato de que tantos daqueles que falam ou escrevem nunca o empregam, e que todos eles juntos o usam apenas catorze vezes, é uma demonstração de que Aquele que deu a conhecer sua vontade, e que mais do que todas as coisas teria revelado destino tão terrível como a desgraça sem fim, se fosse esse o seu intento, digo, é uma demostração de que não tem tal destino reservado para as almas imortais. Passamos agora a corroborar essas posições consultando as opiniões daqueles nos primeiros séculos da Igreja Cristã, que obtiveram suas opiniões direta ou indiretamente dos próprios apóstolos.

Capítulo 7. OS PAIS CRISTÃOS.

Nada pode lançar uma iluminação retrógrada no Novo Testamento e nos ensinar o significado completo de nossas palavras controversas, como Jesus e os apóstolos as usaram, bem como a linguagem dos Pais cristãos e da igreja primitiva. Portanto, consultaremos aqueles que estavam perfeitamente familiarizados com a língua grega e que transmitiram a palavra ao longo dos tempos, dos apóstolos aos seus sucessores, por mais de quinhentos anos.

7.1 TAYLER LEWIS.

Prof. Tayler Lewis (73) no curso de dissertações eruditas sobre o significado das palavras olâmicas e aionianas da Bíblia, refere-se à versão mais antiga do Novo Testamento, a siríaca (aramaica) conhecida como Pechita, e nos diz como essas palavras são traduzidas nesta primeira forma do Novo Testamento: "Assim é sempre na antiga versão siríaca,

onde a única tradução é ainda mais inequivocamente clara. Estes irão para a dor do Olam (aiôn) (o mundo vindouro), e estes para a vida do Olam (aiôn) (o mundo vindouro).” Ele se refere a Mat. 19:16; Marcos 10:17; Lucas 18:18; João 3:15; Atos 13:46; 1Tm. 6:12, em que aiônios é traduzido como pertencente ao olam, ou mundo vindouro. Vida eterna, em nossas versões, em Mat. 25:46, é traduzido na Pechita “a vida do mundo vindouro”. Citamos isso não para endossar, mas para mostrar que um dos melhores críticos modernos testifica que a versão mais antiga do Novo Testamento não empregava infinito como o significado da palavra *olam.* Sobre o Prof. Lewis, o Dr. Beecher escreve: (74) "Não devemos supor que um teólogo ortodoxo tão eminente diga essas coisas em apoio ao Universalismo, um sistema que ele rejeita decidida e sinceramente."

7.2 O CREDO DOS APÓSTOLOS.

O Credo dos Apóstolos é a fórmulação

cristã mais antiga. A ideia de tormento sem fim não é nem insinuada. “Creio em Deus, o Pai Todo-Poderoso; e em Jesus Cristo, seu Filho unigênito, nosso Senhor, que nasceu da Virgem Maria pelo Espírito Santo, foi crucificado sob Pôncio Pilatos, sepultado, ressuscitou dos mortos ao terceiro dia, subiu aos céus e está assentado à mão direita do Pai; de onde há de vir, para julgar os vivos e os mortos: e no Espírito Santo; na santa igreja; na remissão dos pecados; e na ressurreição do corpo.”(75)

7.3 IGNÁCIO.

Nossa primeira referência aos escritores patrísticos será a Ignácio (Inácio) (115 d.C.), que diz que a recompensa da piedade “é incorruptibilidade e vida eterna”, “amor incorruptível e vida perpétua”. Aqui a vida aioniana é fortalecida pelo *incorruptível”*, mostrando que a palavra aiônion sozinha era em sua mente inadequada para a tarefa de expressar duração infinita. Ele diz,

também, que Jesus "se manifestou pelos séculos" (tois aiôsin). É claro que ele não pretendia usar uma expressão tão ridícula como "para as eternidades".

7.4 ORÁCULOS SIBILINOS.

Os Oráculos Sibilinos – datados de forma variada por diferentes escritores de 500 a.C. a 150 d.C., ensinam o sofrimento aioniano e a salvação universal além, mostrando como a palavra era então compreendida. A profetisa que professa escrever os Oráculos descreve os santos como suplicando a Deus pela salvação dos condenados. Assim suplicado, ela diz: "Deus os livrará do fogo devorador e do ranger de dentes eterno".

7.5 JUSTINO MÁRTIR.

Justino Mártir, 140 d.C., 162 d.C., ensinou o *sofrimento eterno* e a *aniquilação posterior*. Os ímpios "são atormentados enquanto Deus quiser que eles existam e sejam atormentados... As

almas sofrem punição e morrem". (76) Ele usa a expressão *aperanton aiona (απεραντων αιώνα, era sem fim)*.(77) "Os ímpios serão punidos com castigo eterno, e não por mil anos, como afirmou Platão." Aqui a punição é anunciada como limitada. Isto é evidente pelo fato de Justino Mártir ter ensinado a aniquilação dos ímpios; eles serão "um mundo atormentado sem fim" e depois aniquilados.

7.6 IRINEU.

Irineu (Irenæus)(78) diz: "os injustos serão enviados para o fogo inextinguível e eterno", e ainda assim ele ensinou que os ímpios serão aniquilados: (79) "Quando é necessário que a alma não mais exista, o espírito vital a deixa, e a alma não existe mais, mas retorna para de onde foi tirada. O Dr. Beecher observa pertinentemente: (80) "Quais são então os fatos relativos a Irineu? Porque ele foi canonizado como santo, e porque que manteve uma ligação tão próxima com Policarpo e este com o

apóstolo João, houve uma grande relutância em admitir os fatos reais do caso. Massuetus empregou muitos sofismas ao tentar escondê-los. No entanto, como mostraremos claramente a seguir, eles são indiscutivelmente estes: que ele ensinou uma restituição final de todas as coisas à unidade e ordem pela aniquilação de todos os finalmente impenitentes. Declarações expressas dele neste credo, e em um fragmento referido pelo Prof. Schaff, na restauração universal, (81) e em outras partes de sua grande obra contra os gnósticos, provam isso além de toda possibilidade de refutação. A inferência disso é simples. Ele não entendia aiônios no sentido de eterno; mas no sentido reivindicado pelo Prof. Lewis, isto é, pertencente ao mundo vindouro". Essas são suas palavras: "Cristo eliminará todo o mal e acabará com todas as impurezas". Ele ainda diz (82) que certas pessoas "não receberão dele (o Criador) duração de dias para todo o sempre". Assim, a palavra denotava duração limitada em seu tempo, 170 d.C., 200 d.C..

7.7 HERMOGÊNES.

Assim também Hermógenes (200 d.C.) que acreditava que todos os seres pecaminosos finalmente cessariam de existir, deve ter entendido Cristo como aplicando aiônion ao castigo no sentido de duração limitada, ou ele não teria acreditado na aniquilação, e teria sido um cristão.

7.8 ORÍGENES E TEODORE DE MOPSUESTIA.

Orígenes usou as expressões “fogo eterno” (aiônios) e “castigo eterno” para expressar sua ideia da duração do castigo. No entanto, ele acreditava que *em todos os casos* o pecado e o sofrimento cessariam e seriam seguidos pela salvação. Ele foi o homem mais erudito de seu tempo, e seu exemplo prova que aiônion não significava infinito na época em que escreveu, 200-253 d.C. O Dr. Beecher diz (83) “Como uma introdução

ao seu sistema de teologia, ele declara certos grandes fatos como um credo acreditado por toda a igreja. Neles ele afirma a doutrina da retribuição futura como *vida aiônion,* e *punição aiônion,* usando as palavras de Cristo (Mat 25:46). Agora, se Orígenes entendia aiônion como significando estritamente eterno (infinito), então isso o envolveria em uma auto-contradição grosseira e palpável. Mas ninguém pode esconder os fatos do caso. Depois de expor o credo da igreja como já declarado, incluindo a punição de aiônion, ele procede imediatamente, com elaborado raciocínio, repetidamente para provar a doutrina da restauração universal. A conclusão destes fatos é óbvia: Orígenes não entendia aiônios como significando eterno, mas sim como significando pertencente ao mundo vindouro. . . . Dois grandes fatos se destacam na página da história eclesiástica. Um que o primeiro sistema de teologia cristã foi composto e publicado por Orígenes no ano 230 depois de Cristo, do qual um elemento fundamental e essencial era a doutrina da restauração

universal de todos os seres caídos à sua santidade original e união com Deus. A segunda é que após um lapso de pouco mais de três séculos, no ano 544, esta doutrina foi pela primeira vez condenada e anatematizada como herética. Isso foi feito, não no conselho geral, mas em um conselho local convocado pelo Patriarca Mennos em Constantinopla, por ordem de Justiniano. Durante todo esse longo intervalo, as opiniões de Orígenes e seus vários escritos foram um elemento de poder em todo o mundo cristão. Por muito tempo ele se destacou como o maior luminar de o mundo cristão. Ele deu um impulso aos principais espíritos das eras subsequentes e foi homenageado por eles como seu maior benfeitor. Por fim, depois que todos os seus estudiosos tinham morrido na remota era de Justiniano, ele foi anatematizado como herege da pior espécie. O mesmo foi feito com relação a Teodoro de Mopsuéstia, da escola de Antioquia, que sustentava a doutrina da restituição universal em uma base diferente. Isso também foi feito muito depois de sua morte (em 427), isto é, foi

feito no ano 553. A partir desse ponto e depois disso, a doutrina do futuro castigo eterno reinou com influência indiscutível durante a idade média que precedeu o Reforma. Qual era, então, a situação das principais escolas teológicas do mundo cristão na era de Orígenes e alguns séculos depois? Era, em resumo, o seguinte: havia pelo menos seis escolas teológicas na igreja como um todo. Dessas seis escolas, uma, e apenas uma, era decidida e sinceramente a favor da doutrina do futuro castigo eterno. Uma era a favor da aniquilação dos ímpios. Duas eram a favor da doutrina da restauração universal nos princípios de Orígenes, e duas a favor da restauração universal nos princípios de Teodoro de Mopsuéstia. "Também é verdade que os proeminentes defensores da doutrina da restauração universal eram crentes decididos na divindade de Cristo, na trindade, na encarnação e expiação, e na grande doutrina cristã da regeneração; e foram, em piedade, devoção, atividade cristã e empreendimento missionário, bem como em aprendizado e poder intelectual

e realizações, inferiores a ninguém nas melhores épocas da igreja, e foram muito superiores àqueles por quem, em eras posteriores, eles foram condenados e anatematizados. “Também é verdade que os argumentos pelos quais eles defenderam seus pontos de vista não foram nunca claramente declarados e respondidos. Na verdade, eles nunca foram declarados. Eles podem admitir uma resposta completa e refutação, mas mesmo assim, eles não foram condenados e anatematizados por tais motivos, mas simplesmente em obediência aos mandatos arbitrários de Justiniano, cujos argumentos finais foram deposição e banimento para aqueles que se recusaram a obedecer.

(N. do T.) O banimento era para um monastério no deserto. Lá a vida era difícil e os idosos não sobreviviam por muito tempo.

“Considere, agora, quem era Teodoro de Mospuestia, não segundo um conselho servil e fechado, reunido para executar a vontade de um déspota bizantino, mas sim

por um dos mais eminentes estudiosos evangélicos da Alemanha, Dorner. Ele diz: “Teodoro de Mopsuéstia foi a coroa e o clímax da escola de Antioquia. A bússola de seu aprendizado, sua perspicácia e, como devemos supor, também a força de seu caráter pessoal, juntamente com seu trabalho por muitos anos, como professor de igrejas e de discípulos jovens e talentosos, e como um prolífico escritor, ganhou o título de *Magister Orientis.* Ele trabalhou ininterruptamente até sua morte no ano de 427, e foi considerado com uma apreciação mais ampla por ser o primeiro teólogo oriental da época.” (84) Mosheim diz sobre Orígenes: “Orígenes possuía toda excelência que pode adornar o caráter cristão; piedade incomum desde sua infância; surpreendente devoção à santíssima religião que ele professava; perseverança inigualável em trabalhos e labutas para o avanço do cristianismo; e elevação da alma que o colocou acima de todos os desejos ou medos comuns; um desprezo permanente pela riqueza, honra, prazeres e pela própria morte; a mais pura confiança no Senhor Jesus, por amor

de quem, quando velho e oprimido por males de toda espécie, suportou com paciência e perseverança os sofrimentos mais severos. Não é estranho, portanto, que ele fosse tido em tão alta estima, tanto enquanto ele viveu e depois da morte. Certamente, se alguém merece estar em primeiro lugar no catálogo de santos e mártires, e ser anualmente considerado um exemplo para os cristãos, esse é o homem, pois, exceto os apóstolos de Jesus Cristo e seus companheiros, não conheço ninguém , entre todos os inscritos e honrados como santos, que o excederam em virtude e santidade.” (85) Como poderia a salvação universal ter sido a doutrina predominante naquela era da igreja, a menos que a palavra (aiônios) aplicada à punição em Mat. 25:46 fosse entendida pelos cristãos como significando duração limitada? O fato de que Orígenes e outros ensinaram uma punição aioniana após a morte, e a salvação além dela, DEMONSTRA que no tempo de Orígenes a palavra *não* tinha o significado de infinito, mas significava naquela data, duração indefinida ou

limitada. Os leitores curiosos para pesquisar este ponto do estado de opinião durante os séculos que se seguiram à era de Orígenes, podem consultar as autoridades citadas abaixo. (86)

7.9 EUSÉBIO.

Eusébio (300 d.C. - 325 d.C.) descreve a escuridão que precede a criação assim: (87) “Estes por muito tempo não tiveram limite”, continuaram “por uma longa eternidade:” *dia polun aiôna.* Dizer que a escuridão que terminou com a criação durou uma longa eternidade seria absurdo.

7.10 GREGÓRIO de NISSA.

Gregório de Nissa (370 d.C. - 373 d.C.) prova que a palavra tinha o significado de duração limitada em seus dias. Ele diz (88) “Quem considera o poder divino perceberá claramente que é capaz de restaurar, por meio da purificação *eterna* e dos sofrimentos expiatórios, aqueles que

foram até este extremo da maldade". Assim, o castigo *eterno* e a salvação além foram ensinados no quarto século.

7.11 AGOSTINHO.

Agostinho (400-430 d.C.) foi o primeiro conhecido a argumentar que aiônios significava infinito. Ele a princípio sustentou que *sempre* significava infinito, mas por fim abandonou esse fundamento e apenas afirmou que *às vezes* tinha esse significado. Ele "tinha um conhecimento muito imperfeito da língua grega." (89)

7.12 AVITUS.

410 d.C. Avitus trouxe para a Espanha uma tradução de Orígenes, feita por Jerônimo, na Palestina, e ensinou que as punições não são infinitas; pois "embora sejam chamadas eternas, essa palavra no grego original não significa, de acordo com sua etimologia e uso frequente, infinito, mas responde apenas à duração de uma era."(90)

7.13 USO GERAL DOS PAIS.

Na verdade, todo Universalista e todo Aniquilacionista entre os pais da igreja primitiva é uma testemunha permanente que testifica que a palavra foi entendida como tempo indefinido e finito, em seus dias. Crentes na Bíblia que eram, aceitando suas declarações implicitamente na verdade, como poderiam ser Universalistas ou Aniquilacionistas com a Bíblia Grega diante deles, e punição aiônion ali ensinada, a menos que eles dessem à palavra aiôn o significado de duração limitada? Assim, além dos aludidos acima, apelamos para aqueles antigos Universalistas, os Basilidianos (A.D. 130 d.C.), os Carpocratas (140 d.C.), Clemente Alexandrino (190 d.C.), Gregório Taumaturgo (220-250 d.C.), Ambrósio (250 d.C.), Tito de Bostra (340-370 d.C.), Dídimo, o Cego (550-590 d.C.), Diodoro de Tarso (370-390 d.C.), Isidoro de Alexandria (370-400 d.C.), Jerônimo (380-

410 d.C.), Paládio da Galácia (400 d.C.) , Theodore of Mopsuestia (380-428 d.C.), e outros, nenhum dos quais poderia ter sido um universalista a menos que ele atribuísse a esta palavra o sentido de duração limitada. Para a maioria deles, o grego era tão familiar quanto o inglês (português) é para nós.

7.14 O IMPERADOR JUSTINIANO.

O imperador Justiniano (540 d.C.), ao convocar o célebre conselho *local* que se reuniu em 544, dirigiu seu edito a Mennos, patriarca de Constantinopla, e argumentou detalhadamente contra as doutrinas que havia determinado serem condenadas. Ele não diz, ao definir a doutrina católica (dos quatro primeiros concílios gerais ou católicos) da época "Cremos no castigo aiônion", pois era justamente isso que o Universalista, o próprio Orígenes ensinou. Também não diz: "A palavra aiônion foi mal interpretada, denota uma duração infinita", como teria dito se houvesse tal

desacordo. Mas, escrevendo em grego com todas as palavras daquele discurso abundante para escolher, ele diz: “A santa igreja de Cristo ensina uma vida de aiônios sem fim (ATELEUTETOS aiônios) para os justos, e um castigo sem fim (ateleutetos) para os ímpios.” Aiônios não foi suficiente no seu julgamento para denotar duração infinita, e ele empregou ateleutetos. Isso demonstra que mesmo em 540 dC aiônios significavam duração limitada, e requeriam uma palavra a mais para lhe conferir a força da duração sem fim.

(N.do T.) **τελευτετος** (G5053) : *estar terminado (ou morto).* **α** + **τελευτετος** = **ατελευτετος**, *interminável.*

7.15 OS CRENTES NA ANIQUILAÇÃO E NA SALVAÇÃO UNIVERSAL APLICAM A PALAVRA À PUNIÇÃO.

Assim, Inácio, Policarpo, Hermas, Justino Mártir, Irineu, Hipólito, Justiniano e outros (de 115 d.C. a 544 d.C.) usam a palavra *aiônion* para definir punição. E, no

entanto, *alguns* deles ensinaram que a decadência da existência consciente é o destino natural dos homens (*os aniquilacionistas*), do qual apenas alguns são salvos pela graça de Deus. Anteriormente a esta decadência ou extinção do ser, eles ensinavam que os homens experimentavam o castigo aiônion. O castigo aiônion não é a extinção do ser, pois esse era o destino natural da alma. A punição não é infinita, pois cessa. Vamos ilustrar: Justino Mártir diz "As almas sofrem o castigo aiônion e morrem." O castigo está no mundo futuro, mas conclui-se com a extinção, e ainda assim é aiônion. 540 d.C., aiônion requer *ateleutetos* prefixado para transmitir a ideia de duração infinita.

7.16 OLIMPIODORUS.

Olimpiodorus (século 6) é citado pelo Dr. Beecher(91) como tendo dito: "Quando aiônios é usado em referência a um período que, por assunção, é infinito e ilimitado, significa eterno: mas quando

usado em referência a tempos ou coisas limitadas, o sentido é limitado a elas”.

7.17 OS PRIMEIROS SEIS SÉCULOS.

Portanto, a palavra não significava duração infinita entre os primeiros cristãos por cerca de seis séculos depois de Cristo. Dizer que qualquer um que contradiz esses homens está correto, e que eles não sabiam o significado da palavra, é como dizer que um australiano, daqui a mil e duzentos anos, estará mais apto a dar uma definição mais precisa de palavras em inglês de uso comum hoje em dia do que nós mesmos. Esses antigos não podiam estar enganados, e o fato de exigirem palavras qualificadoras para dar a aiônion o sentido de duração infindável – que usavam aiônios para descrever o castigo quando acreditavam na aniquilação dos ímpios, ou na sua restauração posterior ao castigo aiônion, demonstra irrefutávelmente que a palavra não tinha para eles o significado de infindável.

O uso uniforme dessas palavras pela Igreja primitiva demonstra que elas significavam duração temporal.

7.18 CONCLUSÃO.

Muitas pessoas sensatas dirão, com propriedade: “Por que todo esse trabalho para estabelecer o significado de uma palavra?” E o autor confessa que tal trabalho deveria ser desnecessário. Os homens deveriam recusar-se a creditar tal doutrina como a de punição sem fim por motivos mais elevados do que as definições verbais. Reverência, para não dizer respeito, para com Deus, o fato de que ele é o Pai da humanidade, deveria fazer com que todos rejeitassem a doutrina do tormento sem fim, mesmo que o peso do argumento fosse mil vezes maior em favor da definição popular desta palavra (tempo infinito). Mas há muitos que desconsideram o argumento moral contra a doutrina, que é irrespondível; que esmagam sob os mais nobres instintos do coração e da alma, que implora, com

som de trombeta, contra aquele horrível pesadelo de dúvida e incredulidade; que se apegam à mera letra da palavra que mata, e ignoram o espírito que vivifica; que insistem que todas as vozes da razão e do sentimento devem ser desconsideradas porque a Bíblia declara a doutrina da punição sem fim para pecadores. É por isso que esses fatos foram reunidos e este ensaio escrito, que nenhum fragmento ou vestígio, mesmo de possibilidade verbal, deve existir para enganar a mente e, assim, parecer sancionar a doutrina que difama a Deus e aflige o homem; para que se pudesse ver que a letra e o espírito da palavra concordam e estão em perfeito acordo com os ditames da razão, os instintos do coração e os impulsos da alma, ao rejeitar a pior falsidade, o mais sujo de todos os erros, a mais negra difamação do caráter do querido Deus que já foi inventada, a monstruosa falsidade que o representa como consignando as almas que ele criou à sua própria imagem para um tormento interminável. A palavra sob exame é a pedra fundamental dessa estrutura

maligna.

Assim, surgiu como resultado dessa discussão que:

1. Não há nada na Etimologia da palavra que justifique a visão errônea dela.

2. As definições de lexicógrafos fornecidas uniformemente não apenas permitem, mas obrigam a visão que defendemos.

3. Os escritores gregos antes e na época em que a Septuaginta foi feita, sempre deram a palavra o sentido de duração limitada.

4. Tal é o uso geral no Antigo Testamento.

5. Os escritores gregos judeus da época de Cristo atribuíram a ela uma duração limitada.

6. O Novo Testamento assim o emprega.

7. Os Pais Cristãos por séculos depois de Cristo assim entenderam.

Portanto, segue-se que os leitores da Bíblia estão sob as obrigações mais imperativas de entender a palavra em todos os casos como denotando duração limitada, a menos que o assunto tratado ou outras palavras de qualificação os obriguem a entendê-la de maneira diferente. Não há nada na Derivação, Lexicografia ou Uso do palavra para nos garantir em entendê-la a transmitir o pensamento de duração infinita. Se nossas posições forem bem tomadas, a Bíblia não ensina a doutrina do tormento eterno, pois será admitido que, se esta palavra não o ensina, não pode ser encontrada na Bíblia.

APÊNDICE.

AIDIOS, UMA PALAVRA IMPORTANTE A SER CONSIDERADA.

Há apenas uma outra palavra grega também traduzida como eterno e aplicada ao castigo no Novo Testamento, e essa é a palavra *aidios* (αιδιος, αιδιοις, etc.

G0126) encontrada em Judas 1:6: “E os anjos que não guardaram o seu primeiro estado, mas deixaram a sua própria habitação, ele reservou em cadeias eternas (αιδιοις, dativo) na escuridão até o julgamento do grande dia”. Esta palavra é encontrada em apenas um outro lugar no Novo Testamento, a saber, Rom. 1:20: “Porque as coisas invisíveis dele desde a criação do mundo são claramente vistas, sendo compreendidas pelas coisas que são feitas, até mesmo seu eterno (αιδιος, nominativo) poder e Divindade.” É admitido que esta palavra entre os gregos tinha o sentido de eterno, e deve ser entendida como tendo esse significado onde quer que seja encontrada, a menos que por limitação expressa seja privado de seu significado normal. Admite-se ainda que se tivessem ocorrido *aidios* onde ocorre *aiônios,* não haveria escapatória à conclusão de que o Novo Testamento ensina o Castigo Infinito. Admite-se ainda que a palavra é aqui usada no sentido exato de *aiônios,* como se vê no versículo seguinte: (Jud 1:7): “Como Sodoma e Gomorra, e as cidades circunvizinhas,

que, havendo fornicado como aqueles, e ido após outra carne, foram postas por exemplo, sofrendo a pena do fogo eterno (αιωνιου, genitivo). Ou seja, as cadeias de “aidios” no versículo 6 são “tão duráveis quanto o fogo aiônion” no versículo 7. Qual palavra modifica a outra?

1. A construção da linguagem mostra que a última palavra limita a primeira. As cadeias de aidios são iguais ao fogo de aiônion. Como se alguém dissesse: “Tenho estado perturbado por tempo infinito, estou aborrecido há uma hora” ou “Ele é um falador sem fim, pode falar cinco horas seguidas”. Agora, enquanto “infinito” transmite o sentido de ilimitado, é limitado pelo que se segue, como aidios, eterno, é limitado por aiônios, de duração indefinida.

2. Que esta é a exegese correta é evidente a partir de outra limitação da palavra. “Os anjos – – – ele reservou em cadeias eternas ATÉ o julgamento do grande dia.” Se Judas tivesse dito que os anjos são mantidos em cadeias de aidios, e parado

ali, sem limitar a palavra, não ousaríamos negar que ele ensinou a prisão eterna (*aidiois*). Mas quando limita a duração por aiônion e depois declara expressamente que é apenas até uma certa data, entendemos que a prisão terminará, embora encontremos aplicada a ela uma palavra que intrinsecamente significa duração eterna, e que foi usada pelos gregos para transmitir a ideia de eternidade, e foi anexado ao castigo pelos judeus gregos dos tempos de nosso Salvador, para descrever o castigo sem fim, no qual eles criam.

Mas observe que, enquanto esta palavra *aidios* era de uso universal entre os judeus gregos nos dias de nosso Salvador, para transmitir a ideia de duração eterna, e foi usada por eles para ensinar punição sem fim, Jesus nunca se permitiu usá-la em conexão com punição, nem nenhum de seus discípulos, exceto um, e este apenas uma vez, e então limitou cuidadosa e expressamente o seu significado (Judas 1:6). A demonstração pode ir além disso para mostrar que Jesus evitou

cuidadosamente a fraseologia pela qual seus contemporâneos descreveram a doutrina da punição sem fim? Ele nunca a empregou. Que base então há para dizer que ele adotou a linguagem de sua época nesse assunto? A linguagem deles era *aidios timoria,* tormento sem fim. Sua linguagem era *aionion kolasin,* correção duradoura. Eles, os fariseus, descreveram a ruína sem fim, ele, Jesus, a disciplina, resultando em reforma.

Referências:

1. Prideaux, Connection, vol. III. Parte II. Livro i.
2. "Etymologicum Linguæ Græcæ.", Johannes Daniel van Lennep.
3. "Examinador Cristão," Vol. X, p.42. Ele cita o antigo Phavorinus como definindo-o assim: "A compreensão de muitos tempos ou períodos".
4. De Cælo, lib.i.cap.9.
5. União Cristã.
6. Chicago Tribune, citado por Exmo. CH Reed.

7. União Cristã. Uma série de artigos notáveis foi publicada na União Cristã em 1873-4, por Edward Beecher, DD, sobre a “História da Retribuição Futura”.
8. Volume 2, pp. 500-550.
9. Theodoret, em Migne. Vol. IV, página 400.
10. Christian Examiner, vol. X. página 47.
11. União Cristã.
12. Eclesiastes de Lange.
13. Christian Examiner, Vols. x, xi e xii. Boston: Gray & Bowen.
14. i. xxii, 58.
15. i. xxiv, 725.
16. União Cristã.
17. Teog 609.
18. Persæ 263.
19. Supp.572, citado pelo Prof. Tayler Lewis.
20. Nem. III, 130.
21. Eletra 1030.
22. De Mundo Cap.5.
23. Em Metaph Lib. xiv.
24. Lib. ii.
25. Lib. i, Cap. 9.
26. Orestes, 596.
27. Ibidem 971.

28. Méd. 428.
29. Lib. vi cap 1.
30. De Repub. Lib. ii.
31. De Leg., Lib. x.
32. Timeu.
33. Cap. 5, pág. 609C.
34. Cap. 5, pág. 610 A.
35. Metaph., Lib. xiv, cap. 7.
36. De Cælo., i, 9.
37. De Caelo, Lib. ii, cap. i.
38. Citando Timeus Locrus.
39. Sal. 148:5,6. Isa. 30:8 34:10. Jer. 7:7; Jer.25:5.
40. 2Sam. 12:10. Joel 2:26,27.
41. Univ. Livro de referência, pp. 106-7.
42. Gen. 17:7,8,13; 48:4; 49:26. Exo.40:15. Lev. 16:34. Num. 25:13. Sal. 24:7. Hab. 3:6.
43. Deut. 15:17. 1Sam. 1:22; 27:12. Lev. 25:46. 2Reis 5:27. Jó 41:4. 1Reis 1:31. Neemias 2:3. Dan. 2:4. Êxo. 14:13. Ecc. 1:4. Salmos 104:5; 77:69. Ezeq. 37:25. Gen. 13:15. Êxo. 32:13. Josué 14:9. 1Crôn. 23:25. Jer. 17:25. Sal. 48:8. Jer. 31:40. 1Reis 8:13. Num. 10:8; 18:24. 1Crôn. 28:4. 2Reis 9:5. Josué. 4:7. Jonas 2:6. Sal. 37:29.

44. Gn 17:8; Êxo. 40:15; 21:6; Jonas 2:5,6.
45. Êxo. 15:18; Dan. 12:3; Miqueias 4:5.
46. Nota sobre Ecl. 1:4, Lange's Com. pág. 45-50.
47. Segundo Inquérito.
48. União Cristã.
49. Hist. Judeus vol. i: pág. 117; Div. Perna. vol 3: pág. 1, 2 vol. 5: Sermões 13: Arqueologia p. 398; Ensaios, pág.44.
50. Antiguidade. — Guerras.
51. Dr. Edward Beecher Ver p.17
52. Ver Griesbach, Knapp e Wetstein.
53. Ex. Ensaios p.46.
54. Com. no local
55. Protag. Sec. 38, vol. 1, pág. 252.
56. Guerra. 3, 5, 8. Formiga. 2, 4, 5, etc
57. Ensaios Teológicos, Vol.1, pág. 143-162.
58. Sermões pág. 99-102.
59. Univ. Expositor, vol. 3, pág. 446.
60. Univ. Expositor. vol. 3, pág. 437.
61. Examinador Cristão. setembro de 1830, pág. 25, 26.
62. Notas sobre Gal. 1.
63. "Cristianismo, um mistério revelado" de Burthog, pág. 17, 18. Nota sobre Rom. 16:25.

64. Notas sobre Mat. 12:31, 32.
65. Com. no local.
66. Idem.
67. As seleções de Paiges.
68. Paige Com. Vol. 6: pág.398.
69. Daniel e Rev. London Ed. 1733, pág. 18.
70. Lange em Ecl., 130.
71. Missão ao Mundo Inferior, pág. 51, 52.
72. *Historia Dogmatis de Descensu Christi ad Inferos,* caps. 4 e 6.
73. Lange's Genesis, pág. 135, 144, e Eclesiastes pág. 44, 51.
74. União Cristã.
75. Mosheim de Murdoch, vol. 1, pág. 96.
76. Diálogo. cum Tryphone pp. 222-3.
77. Apolo. Prim 127.
78. Adv. Her. p. v. cap. 27.
79. Ibidem.
80. União Cristã.
81. União Cristã.
82. Schaff, vol. ii, pág. 504, 573.
83. União Cristã.
84. Doutrina da Pessoa de Cristo, Div. 2, vol. i, pág. 50, Eninburgh.
85. Hist. com. em Cris. antes de Constantino, vol. ii, pág. 149.

86. Assemanni Bib. Orientar. vol. iii, parte i, pp. 223-4, 324.-Doderlein, Inst. Teolog. Cristã. vol. ii, pág. 200-201. - Jacobi, Bohn's Edition. - Neander's Hist. Dogmas Cristãos. - Guericke, Tradução de Shedd. pág. 308, 349. Tradução de Neander Torrey, vol. ii. Pág. 251-252. - Dorner's Hist. Pessoa de Cristo, 2 vol. pág. 28, 30, 50. – Dr. Schaff Hist. Cristo Ch. vol. ii. pp. 731, 504. – Giesler, vol. Ip 370. - Kurz, 1. Livro de texto Crist. Hist. Pág. 137- 2:2. - Hagenbach, citando Agostinho *Civitate Dei,* liber. xxi. cap. xvi.

OBSERVAÇÃO. – Doderlein diz:
* Os mais instruídos na história da igreja primitiva, amaram e defenderam com muito zelo a esperança de uma cessação final dos tormentos. As palavras dele em latim: *"Quanto quis altius eruditione in antiquitate Christianna eminuit, tanto magis spem finiendorum olim cruciatuum aluit atque defendit."*

*Inst. Teolog. Crist. vol. ii. pág. 199.

87. História vol. IP 173.

88. De Infantibus, p. 173.
89. História Antiga. Univ.
90. Hieronymi Ep ist.
91. União Cristã.

....

Outros livros sobre Universalismo em português, (PDF gratuito):

1) Thomas Allin (pt) - Universalismo Afirmado - 1895
2) Edward Beecher (pt) Historia das Opinioes sobre a Doutrina da Retribuicao 1878
3) Thomas Allin (pt) - A REVOLUÇÃO AGOSTINIANA NA TEOLOGIA - 1911
4) Thomas Allin (pt) - RAÇA E RELIGIÃO Teologia helenística: seu lugar no pensamento cristão – 1899
5) Thomas Baldwin Thayer (pt) Teologia do Universalismo - 1904
6) Thomas Thayer (pt) ORIGEM E HISTORIA da doutrina da PUNICAO SEM FIM
7) Sadhu Sundar Singh (pt) - VISÕES DO MUNDO ESPIRITUAL

https://archive.org/details/@maxborges
https://independent.academia.edu/MaxwellBorges1